

UNIVERSIDADE DE MARÍLIA – UNIMAR
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO

ANA PAULA TOPPAN DOS SANTOS

**A PRESENÇA DO *BULLYING* NA MÍDIA
CINEMATOGRÁFICA COMO CONTRIBUIÇÃO PARA
A EDUCAÇÃO**

**MARÍLIA
2009**

ANA PAULA TOPPAN DOS SANTOS

**A PRESENÇA DO *BULLYING* NA MÍDIA CINEMATOGRAFICA COMO
CONTRIBUIÇÃO PARA A EDUCAÇÃO**

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação da Universidade de Marília (Unimar) para obtenção do Título de Mestre em Comunicação.

Área de Concentração em Mídia e Cultura: Linha de Pesquisa – Produção e Recepção de Mídia.

Orientadora: Prof^a Dr^a Elêusis Mirian Camocardi

MARÍLIA
2009

S237p Santos, Ana Paula Toppan dos
A presença do bullying na mídia cinematográfica como contribuição para a educação./ Ana Paula Toppan dos Santos -- Marília: UNIMAR, 2009.
107 f.

Dissertação (Mestrado em Comunicação, Mídia e Cultura) – Faculdade de Comunicação e Educação, Universidade de Marília, Marília, 2009.

1. Mídia 2. Educação 3. Ficção 4. Bullying I. Santos, Ana Paula Toppan dos II. A presença do bullying na mídia cinematográfica como contribuição para a educação.

CDD -- 302.23

Universidade de Marília –
Programa de Pós-Graduação em Comunicação
Reitor Dr. Márcio Mesquita Serva

Pró-reitora de Pesquisa e Pós-graduação

Profª. Drª. Suely Fadul Villibor Flory

Coordenadora: Profª Drª Rosângela Marçolla

NOTAS DA BANCA EXAMINADORA DA DEFESA DE MESTRADO

Ana Paula Toppan dos SANTOS

A PRESENÇA DO BULLYING NA MÍDIA CINEMATOGRAFICA
COMO CONTRIBUIÇÃO PARA A EDUCAÇÃO

Data da defesa: 16/06/2009

Banca Examinadora

Profa. Dra. Elêusis Mirian Camocardi – UNIMAR - Marília

Avaliação: 10,0 Assinatura: Elêusis M Camocardi

Profa. Dra. Rosângela Marçolla - UNIMAR - Marília

Avaliação: 10,0 Assinatura: Rosângela Marçolla

Profa. Dra. Tânia Suely Antonelli Marcelino Brabo – UNESP - Marília

Avaliação: 10,0 Assinatura: Tânia Suely Antonelli Marcelino Brabo

Dedico esse trabalho ao meu querido e amado Rineu, de alma pura, indulgente e livre de preconceitos, que trilhou comigo todo o percurso, privando-se muitas vezes de seus anseios e da minha companhia, mesmo nas horas mais doloridas, para que eu pudesse concluir minha caminhada

AGRADECIMENTOS

A Deus por me permitir existir, resistir e ser capaz de amar e ser amada.

À orientadora, Prof^a. Dr^a. Elêusís Mirian Camocardi, pelo apoio, incentivo, confiança e orientação durante toda a pesquisa.

À Prof^a. Dr^a. Ana Maria Gottardi e ao Prof^o. Dr^o. Romildo Sant'Anna pelas palavras de apoio e incentivo que me proporcionaram mais força e coragem para percorrer o árduo caminho da pesquisa.

À Prof^a. Dr^a. Rosângela Marçolla pela sugestão do tema "bullying" pouco conhecido na época.

À minha mãe, Neila, que me deu a vida, mas acima de tudo me ensinou a trilhar os caminhos com fé, amor, responsabilidade, equilíbrio, honestidade, perseverança e certeza de ser capaz de transformar as piores dores em grandes aprendizados. Ao meu pai, Bento, por existir e fazer parte da concepção da minha vida.

Aos meus irmãos, Cinara, Andréa, Avair, aos cunhados, Carlos e Olando, e aos meus queridos sobrinhos Marília, Armando, Mayara e Rafaela pelo amor, carinho e confiança demonstrados em todas as horas.

A minha amiga e fisioterapeuta, Cristiane, pela atenção, pelo respeito e pela confiança depositada.

Em especial ao meu companheiro, namorado, amigo, Rineu, que estimula o meu viver, a minha sabedoria e o meu dom de amar e ser amada, participando intensamente de cada etapa do meu trabalho e da minha vida, dando-me força para prosseguir sempre.

A equipe gestora, docente e discente da Escola Estadual de Marília que muito contribuiu para a realização dessa pesquisa.

À Secretaria de Estado da Educação de São Paulo, pelo provimento e participação do Projeto Bolsa Mestrado, junto à Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas e Diretoria de Ensino de Marília, que garantiram o sustento financeiro à realização desta dissertação de mestrado.

À Universidade de Marília, pela parceria com a Educação do Estado de São Paulo com o programa de Pós-Graduação “Stricto Sensu” proporcionando aos educadores, crescimento pessoal e profissional por meio da pesquisa científica.

A todos aqueles que indiretamente contribuíram para que esse estudo fosse concretizado.

RESUMO

O presente estudo tem como proposta analisar como a mídia cinematográfica retrata o fenômeno *bullying* no ambiente escolar e como essa linguagem pode proporcionar aos educadores e alunos a conscientização, a reflexão e as mudanças de comportamento. Para atingir nosso objetivo de caracterizar o fenômeno como uma forma de violência prejudicial a todos os envolvidos, e uma vez que as imagens fílmicas devem ser consideradas como fonte de conhecimento e transformação de atitudes, foram analisadas as imagens que destacam o *bullying* dos filmes *Nunca fui beijada* e *Bang, bang! Você morreu*. Com o intuito de contribuir teórica e metodologicamente para um ensino humanista, respeitando as diversidades humanas e formando cidadãos críticos e conscientes de seu papel transformador na sociedade, o embasamento teórico constitui-se de obras fundamentais e para melhor comprovação do *bullying*. Na prática, realizamos observação participante e pesquisa-ação junto aos educadores e alunos. A pesquisa contou com a participação de educadores, gestores e alunos de uma escola pública de Marília onde constatamos que a arte cinematográfica proporciona ao educador e aluno a aquisição de mais uma prática pedagógica capaz de fomentar a criticidade, conduzindo-os a uma ação-transformadora comprometida com a realidade social. As imagens fílmicas mediadas por profissionais capacitados no processo educacional valorizam e enriquecem o aprendizado do aluno, tornando-o cidadão crítico capaz de respeitar as desigualdades humanas promovendo uma sociedade igualitária, livre de preconceitos e violência.

Palavras-chave: Mídia. Educação. Ficção. *Bullying*. Violência. Representação Social. Indivíduo em Formação.

ABSTRACT

This study has as an aim to analyze how the cinematographic media portrays the Bullying phenomena in the school environment and how this phenomena can offer the educators and students the awareness, the reflection and the changes of behavior. To reach our aim in to characterizing this phenomena as a way of damaging violence to all involved, and as the movie images should be consider as a source of knowledge and modification of attitudes, scenes that promote the bullying in the following movies, *Never been kissed* and *Bang, bang! You are dead*, were analyzed. To contribute with a theoretical and methodological way to a humanistic teaching, respecting the human diversity and forming citizens that are critical and conscious of their roles as modifiers of the society, this study was based in fundamental. To better prove bullying, we observed, participated and researched among educators and students. This work had the support of educators, principals and students of a public high school in Marilia, Sao Paulo state. Noticing the capability of increasing the criticism towards a changing action of a commitment of a social reality was the focus of this research. And in so doing the movie industry allows the educators and students to do so. The movie images controlled by capable professionals in the educational process valued and enriched the learning of the students, transforming them into critical citizens able to respect the human differences, promoting an equal society free of violence and of prejudice.

Keywords: Media. Education. Fiction. Bullying. Violence. Social Representation. Forming Human Being.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

| | |
|---|----|
| Figura 1 - Sala de aula do colégio na adolescência de Josie | 62 |
| Figura 2 - Josie, adulta, em seu apartamento | 63 |
| Figura 3 - Josie na sala de aula com as garotas populares | 64 |
| Figura 4 - Josie em sua primeira aula | 65 |
| Figura 5 - Um aluno coloca papel higiênico na mochila de Josie..... | 66 |
| Figura 6 - Depois despeja refrigerante | 66 |
| Figura 7 - A impressão é que Josie fez “xixi” na roupa | 66 |
| Figura 8 - Josie quando adolescente humilhada no corredor do colégio | 66 |
| Figura 9 - Cenas do corredor da High School - Os alunos apontam e riem de Josie sem ela saber o motivo..... | 67 |
| Figura 10 - Josie, humilhada no banheiro da High School | 68 |
| Figura 11 - Josie na sua adolescência pronta para o baile esperando por Billy, o garoto mais popular do colégio | 69 |
| Figura 12 - Josie na porta da casa de seus pais acenando para Billy | 69 |
| Figura 13 - Billy chega acompanhado de outra garota e arremessa ovos em Josie..... | 69 |
| Figura 14 - Josie cai de joelhos, chora e sai correndo quando ouve a voz de sua mãe | 69 |
| Figura 15 - Josie interagindo com o grupo dos populares | 70 |
| Figura 16 - Grupo dos populares, no dia do baile da High School se preparando para humilhar mais uma vítima | 71 |
| Figura 17 - Aldys sendo elogiada por Josie | 72 |

| | |
|--|----|
| Figura 18 - Josie escrevendo sua própria história para o jornal | 73 |
| Figura 19 - Trevor agredido no corredor do colégio | 76 |
| Figura 20 - Os agressores elegem mais uma vítima | 77 |
| Figura 21 - Zach, um dos integrantes do grupo dos <i>trogs</i> agredido pelos jogadores de futebol | 78 |
| Figura 22 - Jocks contra Trogs | 79 |
| Figura 23 - Trevor agredido verbalmente por Brad | 80 |
| Figura 24 - Mais um <i>trogs</i> é agredido | 81 |
| Figura 25 - Trevor no sótão de sua casa | 82 |
| Figura 26 - Sean, líder dos <i>trogs</i> , agredido e humilhado no banheiro do colégio | 83 |
| Figura 27 - Trevor tenta o suicídio | 84 |
| Figura 28 - Trevor relata o que sentem as vítimas de <i>bullying</i> diante das agressões | 85 |
| Figura 29 - As vítimas de <i>bullying</i> , como narra Trevor, estão sempre à espera de uma nova agressão | 86 |
| Figura 30 - Trevor é novamente agredido e descreve seus pensamentos | 86 |
| Figura 31 - Relatos de dor e agressões verbais que ferem mais do que a agressão física | 87 |
| Figura 32 - Trevor, fala da importância do nome e da necessidade da vítima de vingança em busca de paz | 87 |
| Figura 33 - Trevor justifica seu comportamento trágico e suicida, denunciando a falta de compreensão de todos diante de seu sofrimento | 88 |

LISTA DE SIGLAS

ABRAPIA - Associação Brasileira de Multiprofissionais de Proteção à infância e Adolescência.

COMEOBES - Centro Multidisciplinar de Estudos e Orientação Sobre o *Bullying* Escolar.

NUFOR – Núcleo de Estudos e Pesquisas em Psiquiatria Forense e Psicologia Jurídica.

OMS - Organização Mundial da Saúde.

OSCIP - Organização da Sociedade Civil de Interesse Público Associação.

UNICEF - Fundo das Nações Unidas para Infância.

SUMÁRIO

| | |
|---|------------|
| INTRODUÇÃO | 11 |
| CAPÍTULO 1 - BULLYING: UMA FORMA DE VIOLÊNCIA..... | 14 |
| 1.1 A violência e suas implicações | 15 |
| 1.2 O <i>bullying</i> : uma forma de violência e de exclusão social..... | 18 |
| 1.3 Um breve histórico sobre os casos de <i>bullying</i> no mundo e no Brasil | 28 |
| 1.4 O círculo vicioso do <i>bullying</i> | 35 |
| CAPÍTULO 2 - FATORES QUE CONTRIBUEM PARA O DESENVOLVIMENTO COMPORTAMENTAL DO AGRESSOR QUE PRATICA BULLYING | 39 |
| 2.1 A influência da mídia cinematográfica na vida das crianças e adolescentes, indivíduos em formação..... | 49 |
| CAPITULO 3 – ANÁLISE E APLICAÇÃO DOS FILMES NUNCA FUI BEIJADA E BANG, BANG! VOCÊ MORREU..... | 60 |
| 3.1. O filme <i>Nunca Fui Beijada</i> | 60 |
| 3.1.1 Sinopse do filme | 61 |
| 3.1.2 Análise das cenas do filme <i>Nunca Fui Beijada</i> em que Sobressai o <i>bullying</i> | 62 |
| 3.2. O filme <i>Bang, Bang! Você Morreu</i> | 74 |
| 3.2.1 Sinopse do filme | 75 |
| 3.2.2 Análise das cenas do filme <i>Bang, Bang! Você Morreu</i> em que Sobressai o <i>bullying</i> | 76 |
| 3.3 Aplicação dos filmes <i>Nunca Fui Beijada</i> e <i>Bang Bang! Você Morreu</i> no contexto Escolar | 89 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS | 95 |
| REFERÊNCIAS | 97 |
| BIBLIOGRAFIA CONSULTADA | 101 |
| APÊNDICES | 105 |

INTRODUÇÃO

A ocorrência de violências no ambiente escolar não é recente, e uma forma desse fenômeno, conforme relata a pesquisadora Cleo Fante (2005, p. 63), se alastra assustadoramente tornando-o uma epidemia mundial, o *bullying*. Essa temática constitui um importante objeto de reflexão e conscientização, pois se transformou em grave problema social.

O propósito deste trabalho é analisar como a mídia cinematográfica retrata o fenômeno *bullying* no ambiente escolar, e como essa linguagem pode proporcionar aos educadores e alunos a conscientização, a reflexão e mudanças de comportamento que contribuirão para uma convivência social harmoniosa e sem violência.

A mídia cinematográfica, nesse contexto de estudo científico, é tratada como objeto de ensino, explorando seu potencial de veículo de comunicação representativo. Segundo Turner (1997, p. 129) “o cineasta usa os repertórios e convenções representacionais disponíveis na cultura a fim de fazer algo diferente mas familiar, novo mas genérico, individual mas representativo”. Os filmes *Nunca fui Beijada e Bang, bang! Você morreu*¹ são retratados como importantes fontes de conhecimento da realidade educacional. O ambiente escolar é o local onde o *bullying* mais se prolifera devido à necessidade de conviver com a diversidade humana, as imagens ficcionais reproduzem a realidade das escolas públicas ou particulares onde o fenômeno se instala. No Brasil, cresce paulatinamente os estudos sobre o fenômeno devido à constatação de sua existência em todas as Unidades Escolares. (FANTE, 2005, p. 61)

Bullying: palavra de origem inglesa, adotado em vários países é denominado por autores como Fante (2005), Pereira (2002), Chalita (2008) e outros como um conjunto de atitudes agressivas, intencionais e repetitivas que ocorrem sem motivação evidente, como insultos, intimidações, alcunhas, gozações, adotado por um ou mais alunos contra outros, causando dor, angústia e sofrimento. São comportamentos antissociais que causam problemas psíquicos em suas vítimas

¹ Os filmes objetos de análise serão destacados em itálico

conduzindo-as à exclusão, à baixa autoestima e, em alguns casos, à perda da vontade de viver.

O *bullying*, uma forma de violência moral praticada de maneira velada, sutil e sistemática que, muitas vezes não atinge o corpo, mas o psique do indivíduo, passa despercebido aos olhos dos profissionais como uma forma de violência cruel e desumana, além de ser considerado como forma de entretenimento e diversão na ficção.

Com o objetivo de caracterizar o fenômeno como uma forma de violência prejudicial a todos os envolvidos, privando o ser humano de seus direitos de cidadãos, com base em imagens fílmicas que devem ser analisadas como fonte de conhecimento e transformação de atitudes, a organização desse estudo foi elaborada.

No primeiro capítulo do trabalho, o *bullying* foi classificado como uma agressão que fere e destrói a autoestima do ser humano. Analisamos a sustentação legal que proíbe essa forma de violência, desde os primeiros estudos realizados, suas terminologias em alguns países e no Brasil e sua ação maléfica no contexto escolar, que conduz o indivíduo a passar de vítima a agressor.

No segundo, examinamos os fatores que cooperam para o incremento comportamental do agressor como mecanismo de atuação no foco do problema e a influência da mídia cinematográfica na vida dos indivíduos em formação. As parcelas de culpa cabem às instituições familiares como base para o aprendizado social, bem como às Unidades Escolares desatentas aos comportamentos individuais, despreparadas para educar, exterminar o círculo vicioso da violência e a cada ser humano que prefere o silêncio ao invés da denúncia. A influência da linguagem cinematográfica é vista positivamente na formação do senso crítico do indivíduo como agente transformador de sua prática social, dependendo da atuação dos mediadores, seja a família ou a escola.

No terceiro capítulo, analisamos as imagens que retratam o fenômeno *bullying* dos filmes *Nunca fui beijada* e *Bang, bang! Você morreu* destacando os comportamentos antissociais de intimidação, de preconceito, de discriminação e de intolerância, e descrevemos a aplicação e os resultados obtidos com a exibição desses filmes no contexto escolar.

O procedimento para chegar ao nosso objetivo constou de embasamento teórico fundado em obras de autores como: Chalita, G. Fante, C. A. Z. Pereira, B. O. Thompson, J. B. Turner, G. Vanoye, F. entre outros.

Para melhor comprovação do *bullying*, na prática, realizamos a pesquisa participante junto a educadores e alunos de uma escola estadual do município de Marília com a inserção do pesquisador no ambiente de ocorrência do fenômeno e sua interação com a situação investigada. A pesquisa participante contou com exposição sobre o fenômeno *bullying* a professores, exibição dos filmes: *Nunca fui Beijada* aos alunos da quinta série e *Bang, bang! Você Morreu* aos alunos das sétimas séries da mesma Unidade Escolar e questionário investigativo como representação de uma realidade social que precisa ser modificada.

Estes foram, portanto, os passos seguidos por nossa pesquisa. Passemos então ao primeiro capítulo sobre uma forma de violência que acarreta prejuízos à formação psicológica, emocional e socioeducacional por destruir a autoestima do ser humano.

CAPÍTULO 1 - *BULLYING*: UMA FORMA DE VIOLÊNCIA

Parte do que somos é resultado do que o outro nos desperta. É decorrência do estímulo recebido. Há pessoas que têm o dom de despertar em nós coisas boas, sentimentos tão nobres que chegam a nos emocionar. São pessoas que se fazem especiais porque nos fazem sentir mais inteligentes, mais felizes, mais bonitos, mais importantes, mais valiosos, mais estimulados a enxergar as nossas qualidades, virtudes e talentos, e também nos encorajam a superar as limitações, a enfrentar os medos, a lidar com as inseguranças, sempre com a certeza de que não estamos sozinhos e podemos contar com alguém. Alguém hábil em nos fazer sonhar, ter aspirações, planos e projetos de vida. Desse entusiasmo pela vida brota a generosidade, e com ela uma vontade irresistível de retribuir o presente recebido. Assim – acontece com todas as pessoas -, sentimo-nos eternamente gratos por aqueles que nos fazem felizes, que revelam o que há de melhor em nós. (CHALITA, 2008, p. 192).

O *bullying*, por muito tempo considerado *brincadeiras da idade*, tem sido motivo de traumas e sofrimentos para muitos adultos que, na infância e principalmente na adolescência, foram vítimas de atos agressivos, intencionais e repetitivos, considerados comum ao meio em que se apresentavam. O termo *Bullying* é de origem inglesa, mas é adotado em vários países, inclusive no Brasil, por não ter termo equivalente na língua portuguesa que expresse sua abrangência e formas de ataque, define o desejo consciente e deliberado de maltratar outra pessoa e colocá-la sob tensão (FANTE, 2005).

A falta de consciência, a aceitação e o silêncio costumam fazer com que sejamos surdos e cegos em relação à dor vivenciada por milhares de pessoas, vítimas do fenômeno *bullying*, tornando-as prisioneiras da tristeza e da depressão. Os praticantes do *bullying* dependem do medo, da impotência e do silêncio da sociedade para continuarem propagando seu comportamento violento e preconceituoso. Cabe a cada indivíduo a indignação a esses atos comportamentais e acreditar que o conhecimento conduz a mudanças diante da crueldade frequente e sistemática, dirigida deliberadamente a alguém, por parte de uma ou mais pessoas, impondo regularmente sofrimento psicológico e/ou físico.

1.1 A VIOLÊNCIA E SUAS IMPLICAÇÕES

O mundo depara com o crescimento incessante dos índices de violência. Suas diferentes formas de manifestação têm tornado essa temática um assunto tão complexo, que merece muita atenção e grande reflexão.

A Organização Mundial da Saúde (OMS) declara a violência como um problema importante e crescente de saúde pública no mundo, dadas as suas sérias consequências para indivíduos, famílias, comunidades e países (LOPES NETO; SAAVEDRA, 2003). As pesquisas apontam danos para a saúde física e mental de quem sofre a violência conforme afirmam os investigadores Alves e Coura-Filho, 2001; Côrrea e Williams, 2000; Socías, 2003; Williams, 2001 (apud PINHEIRO, 2006, p.1).

Chalita (2008, p.80) declara “há um clima de perplexidade diante de atitudes cruéis que ferem diretamente um indivíduo porque, indiretamente, ferem a sociedade.”

Caracterizar a violência não é tão simples devido às suas diferentes maneiras de manifestação e à transformação da sociedade. O fenômeno evolui tal qual a sociedade, produzindo mudanças nas relações entre as pessoas, por isso é considerado um grave problema social. O respeito, a solidariedade, a amorosidade parecem estar sendo substituídas pelo ódio, pela intolerância, pela discriminação e pela violência. Seres da mesma espécie se destroem, se matam e se agriem (PEREIRA, 2002, p.9).

O Brasil ocupa o 3º lugar na classificação dos países onde ocorre maior número de mortes por homicídio e outros tipos de violência entre jovens de quinze a vinte e quatro anos. Para cada jovem que morre na Espanha ou na Irlanda, morrem quarenta e oito no Brasil (WAISELFISZ, 2002).

O fenômeno da violência não só é complexo como polissêmico pois apresenta diferentes sentidos, ou significados, a partir do seu contexto social, econômico ou cultural, segundo valores assumidos pelas classes sociais.

Conforme dicionário da Língua Portuguesa, Ferreira (2001, p.712) define a palavra “violento como aquilo que é contrário ao direito e à justiça”. Então, violência, ato violento, segundo Chauí (1999, p. 3) significa:

Tudo o que age usando a força para ir contra a natureza de algum ser (é desnaturar); - todo ato de força contra a espontaneidade, à vontade e a liberdade de alguém (é coagir, constranger, torturar, brutalizar); - todo ato de violação da natureza de alguém ou de alguma coisa valorizada positivamente por uma sociedade (é violar); - todo ato de transgressão contra o que alguém ou uma sociedade define como justo e como um direito.

A definição proposta por Chauí alerta a sociedade sobre atos violentos do cotidiano que afetam o direito ao trabalho, à educação, ao salário digno, à saúde, a um tratamento sem discriminação de raça, sexo, idade, religião que são direitos protegidos por leis.

A *Constituição Federal* Brasileira promulgada em 5 de outubro de 1988, a lei máxima do nosso país, afirma que somos todos iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, não sendo admitidos preconceitos ou quaisquer outras formas de discriminação. Em seu preâmbulo, declara

Nós, representantes do povo brasileiro, reunidos em Assembléia Nacional Constituinte para instituir um Estado Democrático, destinado a assegurar o exercício dos direitos sociais e individuais, a liberdade, a segurança, o bem-estar, o desenvolvimento, a igualdade e a justiça como valores supremos de uma sociedade fraterna, pluralista e sem preconceitos, fundada na harmonia social e comprometida, na ordem interna e internacional, com a solução pacífica das controvérsias, promulgamos, sob a proteção de Deus, a seguinte Constituição Da República Federativa Do Brasil. (BRASIL, 2008, p. 21).

A *Declaração Universal dos Direitos Humanos* que estabelece os princípios étnicos de prevenção a discriminação, dispõe que:

Toda pessoa tem todos os direitos e liberdades [...], sem distinção alguma de raça, cor, sexo, idioma, religião, opinião política ou qualquer outra índole, origem nacional ou social, posição econômica, nascimento ou qualquer outra condição. (BRASIL, 1948, cap. 7).

A Lei 7716/89, considerada Lei Especial, pois, define os preconceitos como crime e menciona, em seu “Art. 20. Praticar, induzir ou incitar a discriminação ou preconceito de raça, cor, etnia, religião ou procedência nacional: Pena – reclusão, de 1 (um) a 3 (três) anos, e multa”. (BRASIL, 2008, p. 618).

O *Código Penal, Decreto – Lei 2.848*, de 7 de dezembro de 1940, estabelece que a ofensa pode ser punida conforme o artigo 140, com redação determinada pela

Lei 10.741/03, parágrafo 3º com a mesma pena do delito do artigo 20, da Lei especial citada acima:

Art.140. Injuriar alguém, ofendendo-lhe a dignidade ou o decoro:

Pena – detenção, de 1 (um) a 6 (seis) meses, ou multa.

§3º Se a injúria consiste na utilização de elementos referentes a raça, cor, etnia, religião, origem ou a condição de pessoa idosa ou portadora de deficiência:

Pena – reclusão de 1 (um) a 3 (três) anos, e multa. (BRASIL, 2008, p. 281).

Considerando os documentos legais citados acima, é assegurado a todo cidadão e toda cidadã, uma vida digna sem violência física, psicológica ou moral, tanto referente aos bens materiais, como em suas participações simbólicas e culturais. A sociedade constrói e transmite valores que nem sempre são fundados na democracia, na justiça e na igualdade, as leis surgiram da necessidade da própria sociedade em resguardar a dignidade da pessoa humana, pois busca a igualdade e a equidade (respeito à diversidade de características e necessidades) de todos perante os direitos fundamentais que abrangem: os direitos individuais e coletivos, os direitos sociais, os direitos à nacionalidade e os direitos políticos.

O tema violência é muito mais abrangente do que apenas em relação à agressão física, parte da violência é vista como psicológica ou moral, causadora de danos à pessoa ou à sua extensão, como família, amigos, bens. Sendo assim, a discriminação e a ofensa podem ser consideradas formas de violência, porque ferem a integridade moral do indivíduo prejudicando sua participação simbólica e cultural na sociedade.

No livro *Mapa da violência: os jovens do Brasil*, escrito pelo coordenador de Desenvolvimento Social da Unesco-Brasil, Waiselfisz (2002, p.25), é afirmado que:

Atos de violência apresentam-se hoje na consciência social não apenas como crimes, homicídios, roubos ou delinquência, mas nas relações familiares, nas relações de gênero, na escola, nos diversos aspectos da vida social. O alargamento da nossa visão de violência se expressa também no fato de não se considerar apenas a manifestação via agressão física. Engloba também situações de humilhação, exclusão, ameaças, desrespeito, indiferença, omissão para com o outro. A violência, hoje, está ligada ao conceito de alteridade e se expressa nas formas e mecanismos pelos quais convive com as diferenças.

Waiselfisz (2002) refere-se à violência não apenas quanto à sua manifestação física, mas também quanto às situações de humilhação, exclusão,

ameaças, ofensas, desrespeito, indiferenças, omissão para com o outro, que pode ocorrer na família, na escola ou em outros âmbitos da vida social.

A violência emocional e/ou simbólica pode ser vista como ato que causa ou venha causar, como consequência, algum dano ou sofrimento físico, sexual ou psicológico, inclusive as intimidações, a coação ou a privação sem pretexto da liberdade, tanto na vida pública como na privada.

1.2 O BULLYING: UMA FORMA DE VIOLÊNCIA E DE EXCLUSÃO SOCIAL

Já dissemos anteriormente que o fenômeno da violência é polissêmico, porque há muitos significados ou várias formas de exercê-lo, indo desde um olhar de reprovação ou mais agressivo, de uma risada irônica a um golpe mortal. Mas há consenso mundial quanto ao fato de que as agressões físicas ou morais podem ser traumáticas e graves para todos os envolvidos, até para a sociedade.

A violência física ou moral não é um fenômeno recente, apesar de as pesquisas demonstrarem que maior parte dos estudos centrava-se na violência física, nos crimes e delitos, tais como furto, roubos, assaltos, extorsões, tráfico e consumos de drogas, homicídios etc., conforme qualificados pelo *Código Penal* (BRASIL, 2008, p. 234). Nas duas últimas décadas do século XX, e nestes primeiros anos do século XXI, cresceu notoriamente a preocupação da sociedade e das autoridades mundiais com as diferentes formas de violência que o mundo vem enfrentando. Dentre elas, destaca-se a violência moral, velada, discriminatória e preconceituosa que muitas vezes só é de conhecimento público quando chega ao seu ápice e se transforma em tragédia, em suicídio, em homicídio grupal, em extermínio de qualquer espécie, que geralmente ocorrem em contextos escolares e são noticiados pela mídia, alertando toda a sociedade.

A violência moral ou psicológica denominada pela literatura internacional como *Bullying*, tem como principal consequência, “causar danos psicológicos irreparáveis ao psiquismo (se não identificados e tratados), à personalidade, ao caráter e à autoestima de suas vítimas, manifestando suas sequelas ao longo de toda a vida” (FANTE, 2005, p.15).

Na infância, o *bullying*, na maioria das vezes, é aleatório. As crianças, até os cinco anos, ainda não conseguem se colocar no lugar do outro e falta recursos linguísticos para resolver os problemas, partindo para a agressão. Na adolescência e na vida adulta as vítimas são escolhidas. Os agressores sempre encontram algo de seu interesse e que muitas vezes não os agrada como ser gordo demais, magro demais, usar óculos, ter deficiência física, usar roupas inadequadas, ser passivo ou independente demais, ser negro, ser de etnia diferente que envolve fatores culturais como tradição, língua e identidade, origem socioeconômica ou orientação sexual diferente do heterossexualismo como o homossexualismo e o bissexualismo, entre outras. Diariamente, milhares de crianças e adolescentes são marcados na sua autoestima.

Pesquisas sobre o fenômeno somente aconteceram em 1972 e 1973, na Escandinávia, posteriormente na Noruega, na Suécia, e conseqüentemente, por toda a Europa. Um dos pioneiros no estudo da violência no espaço escolar foi o professor da Universidade de Bergen, na Noruega, Dan Olweus (1979 - 1989). Os estudos se baseavam na opinião dos alunos com o objetivo de diagnosticar o *bullying* como um ato violento, diferenciando-o das brincadeiras próprias da idade, que acompanham o amadurecimento do ser humano (FANTE, 2005; CHALITA, 2008).

O termo inglês surgiu nos anos 1990, denominando a violência que evidencia o preconceito. O *Bullying* pode acontecer de várias maneiras, desde pressões e perseguições psicológicas, agressões físicas e morais, ocorrendo de forma repetitiva e sem motivo aparente, causando traumas ao psiquismo das vítimas (FANTE, 2005).

O *Bullying* é uma forma de violência cruel, contínua, sistemática. O objetivo de quem exerce esse tipo de comportamento é ter poder sobre o outro ou causar sofrimento psicológico e /ou físico, ou simplesmente, sentir prazer.

O termo *Bullying*, *Bully*, de origem inglesa é encontrado na literatura psicológica anglo-saxônica e adotado em muitos países. Pode ser encontrado com outras terminologias, como *mobbing* na Noruega e na Dinamarca; *mobbing* na Suécia e na Finlândia. *Mob* refere-se a um grupo grande e anônimo de pessoas que geralmente se dedica ao assédio, porém nesses países *mobbing* também caracteriza uma pessoa que atormenta, hostiliza ou molesta uma outra. Na Alemanha utiliza-se *agressionen unter shülern*; na Espanha, *acoso y amenaza*, entre

escolares; na França, *harcèlement quotidién*; na Itália, *prepotenza* ou *bullismo*; em Portugal, maus-tratos entre pares; no Japão, *yjime*. No Brasil, como na maioria dos países foi adotado o termo inglês *bullying*, (*Bully* não apresenta termo equivalente na Língua Portuguesa), que se define universalmente como um conjunto de atitudes agressivas, intencionais e repetitivas, adotado por um ou mais indivíduos, sem motivo evidente, causando dor, angústia e sofrimento (PEREIRA, 2002; FANTE, 2005; CHALITA, 2008).

Segundo Chalita (2008, p. 82), “o *Bullying* é um comportamento ofensivo, aviltante, humilhante, que desmoraliza de maneira repetida, com ataques violentos, cruéis e maliciosos, sejam físicos sejam psicológicos.”

Para a catedrática em Psicologia da Universidade das Ilhas Baleares, Espanha, Carme Orte Sócias (apud FANTE, 2005, p.29), o *bullying* é considerado um mal-estar que se apresenta na perspectiva oculta, no desenvolvimento e na indiferença, tendo sua força na ausência de valorização pessoal, fruto do desenvolvimento social, emocional e intelectual inadequado daqueles que sofrem e padecem como vítimas desse fenômeno novo e velho ao mesmo tempo.

O fenômeno pode ser considerado novo, se partirmos de estudos direcionados para a sua terminologia, datada a partir da década de 1990 e ao mesmo tempo, velho, se pensarmos no Brasil, onde a história de seu povo está ligada a processos violentos e discriminatórios, como a escravidão de negros e índios, gerando comportamentos de submissão, servidão, baixa autoestima e crueldade.

Atos violentos contra o ser humano conduziram-no à desumanização. A vida perde o sentido. Segundo Chalita (2008, p.148) “os escravos dos navios negreiros, se ainda eram humanos, nem eles mesmos sabiam, pois não mais se reconheciam como gente. Os que sobreviviam eram coisificados, tratados por “isso” ou “aquilo”.

No Brasil, a escravidão, por exemplo, não era considerada crime, porém os deficientes eram condenados à morte ou segregados. Ser diferente tirava-lhe a condição de ser humano. Hoje, manter o indivíduo cativo, discriminar ou excluir alguém por sua opção sexual, religiosa, raça ou deficiência é transgredir a lei conforme declara o artigo 5º da *Constituição Federal* brasileira, de 1988.

A pessoa que se utiliza do *Bullying* discrimina, exclui, ofende, intimida e agride de maneira cruel e deliberada com intenção de ganhar poder, aplicando sofrimento e violando as leis que regem o país. A *Declaração Universal dos direitos*

Humanos (1948), a *Constituição Federal Brasileira* (1988), a *Lei Especial 7716/89* e o *Código Penal* (1940) garantem a dignidade da pessoa humana e a punição aqueles que infringem a lei.

A violência moral ou psicológica pode ocorrer em vários contextos: nas famílias, nos locais de trabalho (assédio moral), nas faculdades, nos asilos de idosos, nas prisões, nos relacionamentos, nas escolas, portanto, onde ocorrem relações interpessoais.

Parker e Asher (1987 apud PEREIRA, 2002, p.23) afirmam que a rejeição social que as vítimas frequentemente experienciam é um sólido indicador de problemas de ajustamento na adolescência e na vida adulta. Para Besag e Olweus (apud PEREIRA, 2002, p.23) os efeitos a longo prazo também são preocupantes, nomeadamente na autoestima e na capacidade de se relacionar com os outros quando adulto.

O fenômeno interfere drasticamente no processo de socialização dos indivíduos trazendo-lhes consequências imediatas ou futuras. É comum encontramos adultos com sequelas visíveis, como dificuldades de lidar com perdas, dificuldades de manter laços afetivos, familiares, sociais e profissionais, devido aos traumas adquiridos na infância ou na adolescência.

A escola, espaço de desenvolvimento social e educacional, desde a tenra idade, depara com as grandes modificações da sociedade e suas diferentes formas de violência que prejudicam seu funcionamento, impedindo que cumpra sua função institucional, que é ensinar.

Para Chalita (2008, p.110), “a escola, por delegação social, deve ser um local de acolhimento e de estímulo ao desenvolvimento e ao crescimento intelectual, sem desprezar as necessidades pessoais, sociais e afetivas dos alunos”. Segundo Abramovay (2002), as situações de violência comprometem a identidade da escola - sítio de sociabilidade positiva, de conhecimento de valores éticos e de formação de espírito críticos, pautados no diálogo e na identificação da diversidade, bem como da herança acumulada.

Além de comprometer a identidade da escola, a violência destrói o direito dos indivíduos de se tornarem cidadãos. Pereira (2002) alerta para o papel educacional e cultural da escola. Ela afirma que:

A educação e a cultura deveriam tender a eliminar as formas agressivas de resolução de tensões que provocam as diferenças individuais. A educação deveria valorizar e promover os comportamentos de empatia, a negociação verbal, o intercâmbio de idéias, a cedência de ambas as partes na procura da justiça, no direito à igualdade de oportunidades para todos e no direito à diferença de cada um. Educar para a liberdade com igualdade de direitos e obrigações em que os direitos de um terminam onde começam os direitos dos outros. (PEREIRA, 2002, p.11).

O *bullying*, dependendo do contexto escolar em que se instala, pode variar em intensidade, magnitude, permanência, gravidade e prejudicar o direito de todos. Escolas sem conhecimento sobre o fenômeno ou omissas, que admitem comportamentos preconceituosos e discriminatórios, são o alicerce para que essa forma de violência atinja todos os níveis de tirocínio. O contexto escolar abriga o maior índice desses abusos, pois o preconceito precede as agressões. Palco do desenvolvimento humano desde a infância, a escola, entrelaça seu objetivo socioeducacional a atitudes antissociais ocultas desencadeadas pelo fenômeno.

Marilise Brockstedt Lech, em entrevista à revista *Direcional Educador* afirma que é difícil distinguir o que é comportamento antissocial de uma brincadeira dentro do contexto escolar.

Os limites entre 'normalidade' e 'problema' são muito tênues. Ao observarmos crianças e jovens discutindo ou brigando podemos ficar em dúvida se o que vemos é sério ou só uma brincadeira. Considero um dos possíveis limites entre a brincadeira e a agressão o grau de tolerância entre as partes. Quando um dos indivíduos passa a demonstrar irritação, impaciência e frustração acaba a brincadeira e começa a agressão. (LECH, 2008, p.7).

O pesquisador Dan Olweus (apud FANTE, 2005) estabeleceu alguns procedimentos para identificar se o aluno está sendo vítima de comportamentos antissociais: durante o recreio o aluno fica sempre sozinho ou próximo a um adulto, buscando proteção; na sala de aula dificilmente se expressa, mostrando-se inseguro ou apreensivo; nos jogos em equipe está sempre fora de turma, é o último a ser escolhido; seu semblante é triste, chateado, abatido ou preocupado; apresenta paulatinamente queda no rendimento escolar; ocasionalmente aparece com o corpo machucado; sua presença às aulas é irregular e perde frequentemente os seus materiais.

Assim, o *Bullying* se apresenta como um fenômeno que expressa uma das muitas formas de violência no âmbito escolar, sem um motivo aparente, de forma

covarde, porque é intencional, apresentando-se numa relação desequilibrada, a fim de tirar a paz de suas vítimas e ainda, quando não causa sequelas físicas, pode ter consequências psicológicas ou emocionais.

Os comportamentos aversivos e violentos podem se manifestar de maneira direta ou indireta. A direta compreende agressões físicas e verbais; a indireta acontece por desprezo, cochichos, com olhares enviesados, difamações, comentários maldosos que desqualificam o indivíduo, com o objetivo de discriminá-lo ou excluí-lo do seu grupo social.

Gabriel Chalita (2008, p. 82-83) descreve as características dessas ações de violência:

O *bullying* direto é mais comum entre agressores meninos. As atitudes mais frequentes identificadas nessa modalidade violenta são os xingamentos, tapas empurrões, murros, chutes e apelidos repetidos. O *bullying* indireto é a forma mais comum entre o sexo feminino e crianças menores. Caracteriza-se basicamente por ações que levam a vítima ao isolamento social. As estratégias utilizadas são difamações, boatos cruéis, intrigas e fofocas, rumores degradantes sobre a vítima e familiares, entre outros.

Dentre essas ações de intimidação, as pesquisas têm encontrado o *bullying* verbal com maior frequência. Os pesquisadores do tema, como Baldry, Duncan, Lopes Neto, Saavedra, Ronning, Handegaard e Sourander, conforme afirmações de Fernanda Martins França Pinheiro o *bullying* verbal é encontrado com maior frequência nos ambientes educacionais.

O *bullying* pode ser praticado tanto pelos meninos como pelas meninas, e as pesquisas demonstram maior proporção de autores entre o sexo masculino, especialmente quando ocorre o uso da força física. As garotas usam meios mais sutis e indiretos para mortificar e atemorizar seus pares, tais como espalhar boatos e excluir suas vítimas do grupo de forma a fazer com que outras pessoas se afastem delas também. É o que afirmam os pesquisadores Craig, Pepler, Olweus, Simmons. (apud PINHEIRO, 2006, p.8).

Atualmente, uma nova forma de manifestação do fenômeno se alastra pela sociedade. O *bullying* praticado de forma indireta encontrou no mundo virtual um poderoso meio de propagação rápida e muito eficaz. O *cyberbullying*, essa nova configuração de violência simbólica, legitima os crimes cibernéticos contra aos Direitos Humanos e Constitucionais.

O *cyberbullying* é a prática da violência moral como ameaças, humilhações, intimidações, adotada por um ou mais indivíduos contra outros através dos meios tecnológicos, internet e telefone celular. Os meios virtuais utilizados para disseminar calúnias, injúrias, imagens e comentários depreciativos são os *Blogs* que é uma página da web (rede de alcance mundial de documentos em hipermídia interligados e executados na internet), o *Orkut site* de relacionamento que permite ao usuário criar um perfil virtual e uma rede social de novas amizades e relacionamentos e o *YouTube site* na internet que consente aos seus usuários carregar, assistir e compartilhar vídeos em formato original, entre outros tipos de *sites* e mensagens de texto escritas no telefone celular. Muitos usuários se aproveitam da falsa sensação de anonimato para praticar essa forma de violência veiculada nos meios digitais.

Bianca, aos 13 anos, foi perseguida por uma colega de classe. A novidade é que ela e a tal colega costumavam andar juntas a ponto de freqüentarem, algumas vezes, uma a casa da outra. As agressões começaram quando Bianca começou a namorar um garoto de quem, pelo que tudo indica, sua colega gostava. Foi o princípio do pesadelo. Primeiro foram os rumores maliciosos, espalhados pela menina, de que Bianca era uma “galinha”. Risadinhas de canto e sussurros a mantiveram isolada da turma. Até aí eram ofensas divulgadas somente na escola. Então começaram os *blogs* e os *photoblogs*, com montagem de cenas eróticas em que o rosto de Bianca aparecia adicionado a um corpo nu e por vezes fazendo sexo. Em questão de uma semana, garotos e garotas das escolas da região já conheciam a fama de Bianca. (CHALITA, 2008, p. 83-84).

De acordo com o Centro Multidisciplinar de Estudos e Orientação sobre o *bullying* Escolar (Cemeobes), a utilização da tecnologia propicia uma forma de ataque perverso, que extrapola muito os muros da escola, ganhando dimensões incalculáveis.

O Centro Multidisciplinar de Estudos e Orientação sobre o *Bullying* Escolar é uma Organização da Sociedade Civil de Interesse Público (Oscip), que se dedica exclusivamente ao estudo e orientação sobre o *Bullying* junto às instituições escolares. O Cemeobes foi criado em maio de 2006, com o objetivo de disseminar uma Cultura de Paz e Não-Violência por meio de realização de palestras e cursos de capacitação, participação em eventos nas áreas de educação, saúde e segurança pública, além de entrevistas e artigos veiculados em diversos meios de comunicação para que as instituições sejam capazes de identificar, intervir e interromper o processo reprodutivo do fenômeno *bullying*.

Cleo Fante (2005), presidente do Centro Multidisciplinar de Estudos e Orientação sobre o *Bullying* Escolar (Cemeobes), classifica os protagonistas desses comportamentos como vítimas típicas, vítimas provocadoras, vítimas agressoras, agressores e espectadores. Seja qual for o papel desempenhado por cada um dos indivíduos citados acima, se não tiverem apoio especializado, terão dificuldades no contexto diário e na vida adulta, prejudicando a si mesmos e à sociedade.

A vítima típica, ou os alvos do *bullying* como se refere Chalita (2008), são personagens de difícil relacionamento, que sem motivo evidente, sofrem as condutas violentas de outros e que não possuem meios ou condições para reagir ou parar esses comportamentos maléficos. São ameaçadas, humilhadas, intimidadas e agredidas fisicamente. Normalmente são indivíduos com aparência física mais frágil que seus pares, apresentam medo de serem machucados fisicamente nos esportes e nas brigas, especialmente no caso dos meninos, bem como alta sensibilidade, timidez, submissão, insegurança, baixa autoestima, dificuldade de aprendizado, ansiedade e diferentes biotipos como diferenças físicas ou deficiências. O alvo do *bullying* apresenta dificuldades para reagir, tanto física como verbalmente, porque são tímidos e passivos, características que os tornam vulneráveis ao agressor.

Para Chalita (2008), as vítimas sofrem caladas; o medo as impossibilita de reagir ou pedir auxílio; suportam por um longo período de tempo o sofrimento, causando-lhes danos irreparáveis.

Muitas vezes não pedem ajuda, pois crêem que são merecedores desse sofrimento ou têm medo da retaliação. A dor e a angústia são prolongadas, a até incentivadas, pela falta de intervenção dos adultos. Prejudicados, sofrem as consequências de ações desumanas sem reagir. São vítimas silenciosas que não dispõem de recursos, habilidades ou *status* para fazer cessar ou impedir os atos danosos contra si mesmo. Sofrem calados e buscam cada vez mais o isolamento. (CHALITA, 2008, p. 87-88).

Ao contrário da vítima escolhida sem motivo evidente, a vítima provocadora excita atos violentos e não consegue resolvê-los adequadamente, briga e responde frequentemente aos insultos, atrai para si, reações agressivas por seu comportamento impróprio. Pode ser hiperativa, inquieta, dispersiva e ofensora. Possui comportamentos inadequados, é capaz de irritar e promover situações de conflito onde quer que se encontre.

A vítima agressora sofre violência e a propaga; reproduz seus sofrimentos em indivíduos mais fracos que ela, transformando-os em novas vítimas com a

intenção de repassar suas angústias. Esses personagens disseminam o fenômeno, aumentando o número de alvos, transformando o *bullying* numa dinâmica expansiva. Esses personagens, para Chalita (2008, p.89) são vítimas que jamais tiveram a oportunidade de aprender o sentido ético nas relações: “Não faça para o outro o que não deseja para você.”

O agressor normalmente é mais forte que as vítimas; pode ter a mesma idade ou ser um pouco mais velho; apresentar-se fisicamente superior nas brincadeiras, nos esportes e nas brigas, principalmente os meninos. Geralmente são dominadores, enganadores, manipuladores e utilizam-se da raiva e da violência para manterem seu poder sobre os outros. Gostam de estar em evidência para mostrar sua superioridade, mas temem a exposição de suas inadequações. São considerados os valentões. A maioria dos agressores surge de ambientes abusivos, de famílias desestruturadas, onde há pouca ou nenhuma afetividade e possuem como modelo comportamentos violentos para resolver os problemas.

Os estudos não são conclusivos, mas pesquisadores como Fante (2002) e Chalita (2008), alertam para os agressores envolvidos em situações antissociais e de risco, usuários de drogas e de álcool, em brigas, na fase adulta, podem cometer atos violentos e criminosos contra o ser humano e o patrimônio público e privado.

Os personagens denominados espectadores são todos aqueles indivíduos que têm ciência dos acontecimentos cruéis e violentos, porém não os sofrem, nem os praticam. Coexistem com o *bullying*, com os comportamentos inadequados, mas usam a lei do silêncio por medo de se transformarem em alvo do agressor. Os espectadores, mesmo não sendo alvo do problema, podem sentir insegurança e medo, mediante os conflitos instalados, que acabam por violar seu direito de cidadão. Parte dos expectadores, mesmo com seus direitos violados, não reage temendo represálias sentem-se aliviados por não serem uma das vítimas e, ao mesmo tempo, culpados pela omissão; outra parte do grupo entende o *bullying* como normal, acreditam que os diferentes ou esquisitos mereçam ser ridicularizados, julgam não ter nada de errado evidenciando as diferenças.

Independente do papel desempenhado pelos protagonistas, o fato é que a presença de violência torna o ambiente escolar um lugar hostil, propiciando um clima de aula tenso e gerando maus relacionamentos entre os alunos e mesmo entre estes e os professores (EGEA 2002 apud PINHEIRO, 2006). Para Socías (2003 apud PINHEIRO, 2006, p.9)) a presença de violência na escola permite que a ação

educativa perca o sentido e se perverta em um contexto onde é possível o exercício do abuso de poder, reforçando o medo e a submissão.

As consequências do *bullying* são prejudiciais e podem resultar em reações extremamente violentas, pois o impacto do *bullying* é amplo para todos os envolvidos (SUDERMANN et al., 1996, apud PINHEIRO, 2006, p.9).

O *bullying* rouba o prazer de viver dos indivíduos. A infância e a juventude é a fase do bom humor, das brincadeiras, dos sonhos, do idealismo, da construção da identidade, para as vítimas da violência, esses períodos são traumáticos e a escola torna-se espaço de muitos conflitos e proliferação de atitudes antissociais. Chalita (2008, p. 85) afirma que:

O mundo das crianças e dos jovens não é tão risonho quanto se pensa. A escola pode, sim, tornar-se um lugar constrangedor. Sob a roupagem de brincadeira de mau gosto, o fenômeno *bullying* invade silenciosamente os espaços escolares, furtando de crianças e jovens a possibilidades de sonhar. As experiências de dor, de angústia e de humilhação, vividas solitariamente, deixam cicatrizes e podem trazer consequências para os adultos que essas crianças serão.

As manifestações de *bullying* criam um círculo vicioso, onde quem causa dor produz um ato desumano que desumaniza aquele que recebe. A exposição e a repetição dos atos de abuso como alcunhas que discriminam e ferem, acusações injustas, intimidações que causam sofrimento e dor, com o tempo vão sendo anestesiadas. O sentimento de medo e de insegurança dá lugar ao ódio e à vingança planejada sem remorso, nos mínimos detalhes, contra o agressor, contra os expectadores que assistiram tudo em silêncio e contra a própria vida. A vítima, de tanto sofrer, passa, muitas vezes, de ofendido a ofensor.

A partir de 1990 a divulgação nos meios de comunicação dos trágicos assassinatos e suicídios nos ambientes escolares internacionais alerta o mundo para os casos de *bullying*. Fante (2005, p. 21) declara "o que antes ocorria de forma esporádica, após a década de 1990 transformou-se numa sequência de trágicos assassinatos e suicídios no interior das escolas."

1.3 UM BREVE HISTÓRICO SOBRE OS CASOS DE *BULLYING* NO MUNDO E NO BRASIL

A crueldade deliberada direcionada aos outros gera e alimenta a violência, como podemos observar pelos massacres em escolas de toda parte do mundo, noticiados pela mídia. Fante (2005) faz um histórico dos assassinatos ocorridos em escolas internacionais, de 1997 a 2002:

Em 1997, na cidade de West Paducah, Kentucky, um adolescente de 14 anos matou a tiros três companheiros de escola, após a oração matinal, deixando mais cinco feridos. Em 1998, em Jonesboro, Arkansas, dois estudantes, de 11 e 13 anos, atiraram contra a sua escola, matando quatro meninas e uma professora. Também em 1998, em Springfield, Oregon, um adolescente de 17 anos matou a tiros dois colegas e feriu mais vinte. Em 1999, dois adolescentes, de 17 e 18 anos, provocaram a tragédia de Columbine, em Littleton, Colorado. Com explosivos e armas de fogo, assassinaram 12 companheiros, um professor e deixaram dezenas de feridos. Em seguida, suicidaram-se. Ainda em 1999, uma semana após o massacre de Columbine, em Taber, Canadá, um adolescente de 14 anos disparou ao seu redor, matando um colega de escola. Outros massacres ainda foram noticiados na década de 1990, na Escócia, no Japão e em vários países africanos. Em novembro de 1999, na Alemanha, um estudante de 15 anos matou a facadas uma professora. Em março de 2000, um aluno de 16 anos matou a tiros o diretor da escola e depois tentou o suicídio. Em fevereiro de 2001, um jovem de 22 anos matou a tiros o chefe de sua empresa; depois se dirigiu à sua ex-escola, matou o diretor e suicidou-se com explosivos. Na Alemanha, em abril de 2002, na cidade de Erfurt, um jovem de 19 anos chacinou 16 pessoas: duas garotas, 13 professores, uma secretária e um policial que atendeu ao chamado de emergência; em seguida, suicidou-se. (FANTE, 2005, p. 21-22).

Em 1997, na cidade de Manchester, Inglaterra, o caso do estudante Vijay Singh, de 13 anos, alerta o mundo para os atos consecutivos, sorrateiros e cruéis que levam o indivíduo a procurar a paz, acabando com a própria vida.

Vijay Singh escreveu em seu diário: “Segunda-feira, lanche e dinheiro tomados à paulada. Terça, bicha e chinês. Quarta, uniforme retalhado à faca. Quinta, sangue a jorros do nariz. Sexta, nada. Sábado, liberdade”. Sábado fora o dia em que o estudante se enforcara em casa com um lenço de seda. (CHALITA, 2008, p.143).

No Brasil, em 2003, na cidade de Taiúva, interior de São Paulo, um adolescente entrou na escola e atirou contra seis alunos, uma professora e o

zelador, matando-se a seguir. A vítima era um rapaz de 18 anos, obeso, ridicularizado por alcunhas de “gordo”, “mongolóide”, “elefante cor de rosa” e “vinagrão”, por tomar vinagre de maçã todos os dias de manhã, na ânsia de emagrecer. Em Remanso, na Bahia, no ano de 2004, um adolescente de 17 anos, revoltado pelas humilhações sofridas e pela exclusão do círculo de amigos da escola, matou seu principal agressor na porta da sua casa, e na escola de informática atirou em funcionários e alunos, tirando a vida da secretária. Foi imobilizado e detido antes de cometer suicídio. Outro caso aconteceu na cidade de Recife, Pernambuco: Luís Antônio, um garoto de 11 anos, foi alvo da violência dos colegas após ser transferido de uma escola de Natal (RN) para outra de Recife, por causa de seu sotaque diferente, o garoto desapareceu após ter apanhado mais um dia, na entrada do colégio (FANTE, 2005; CHALITA, 2008).

Esses acontecimentos chocam, escandalizam, amedrontam, pois, como diz Chalita (2008, p.151) “quando um fracassa, é a humanidade que fracassa”.

O fenômeno é uma epidemia invisível que através das “brincadeiras” e dos apelidos maltrata a alma, registra na essência do ser humano a desmoralização, a humilhação e a perda da dignidade. Muitas atrocidades não são noticiadas, eclodem no íntimo do ser humano, destruindo-lhe a autoestima e a construção da sua identidade.

Segundo Chalita (2008, p. 92) “apelidos carinhosos acariciam a alma e são bem-vindos; alcunhas pejorativas ofendem, humilham, agridem, tiram a identidade concedida pelo nome, que é único [...]. Dizem que apelidos não têm cola, porém os cruéis, com certeza, têm pregos. Pregos causam dor e mesmo depois de arrancados deixam marcas e cicatrizes profundas” (CHALITA, 2008, p.96-97).

Muitos casos não chegam a tragédias mundiais, mas continuam alojados no interior de cada indivíduo. A história de Magali, registrada por Chalita (2008, p. 123-124), alerta para esse infortúnio:

Gordinha, na infância, tinha um apetite voraz. Na escola, era identificada pelos colegas com a personagem Magali, do desenhista Maurício de Sousa: “Magali gulosa”, “Magali come tudo”, No começo soava como brincadeiras as vozes que diziam: “Quer uma maçã, Magali?”, “Tirem as maçãs de perto da Magali!”, “É só ela comer que se acalma!”, entretanto isso depois passou a incomodar muito. Até que, um dia, Magali tomou coragem e resolveu falar com a professora. Mas talvez não tenha escolhido uma boa hora, conta Magali. A partir de então as coisas pioraram e muito. A professora olhou bem para ela e em voz alta, diante da classe, disse com firmeza: “Primeiro, o seu nome é mesmo Magali; caso não esteja satisfeita, fale com seus pais.

Segundo, você realmente come muito". E todos riram bastante e durante muito tempo. O pesadelo durou anos e anos depois de legitimado pela professora. Hoje, já adulta, Magali fala pouco e confessa que pensa mil vezes antes de revelar suas emoções a alguém. Ela teme as risadas!

Os acontecimentos se alastram pelas diversas partes do mundo. O *bullying* é um fenômeno mundial. Milhares de alunos, dos diversos níveis educacionais e sociais sofrem, diariamente, calados, por medo de represália de seus agressores, por vergonha de se exporem, ou receio de piorarem o problema, propiciando condições favoráveis àqueles que praticam tais atrocidades.

Pesquisa feita em Portugal, na década de 1990, com 7 mil alunos constatou, que 1 em cada 5, com idade entre 6 a 16 anos, já foi vítima desse tipo de violência. Na Espanha, o nível de incidente de *bullying* já chega a 20% entre os alunos. A Grã Bretanha apurou, em pesquisa, que 37% dos alunos do primeiro grau e 10% dos alunos do Ensino Médio admitiram que sofrem *bullying* pelo menos uma vez por semana. Nos Estados Unidos, o fenômeno dessa forma de violência foge ao controle; estima-se que 35% das crianças em idade escolar estão envolvidas em atos violentos dessa natureza (CHALITA, 2008, p. 104).

De acordo com Fante (2005), no Brasil, o *bullying* ainda é pouco pesquisado, dificultando uma visão global para compará-lo aos demais países. Os primeiros estudos foram registrados em 1997. Marta Canfield adaptou e aplicou o questionário de Olweus em quatro escolas públicas da cidade de Santa Maria, no Rio Grande do sul, com o objetivo de observar o comportamento agressivo das crianças. Em 2000 e 2001, os professores Israel Figueira e Carlos Neto desenvolveram pesquisas com o objetivo de diagnosticar a incidência do fenômeno, em duas escolas municipais do Rio de Janeiro (FANTE, 2005, p. 47).

No ano de 2003, a Associação Brasileira de Multiprofissionais de Proteção à Infância e Adolescência (Abrapia), após pesquisa com 5.875 alunos de 5ª a 8ª séries de 11 escolas do Rio de Janeiro, revelou o envolvimento de 40,5% desses alunos em situações de *bullying*, sendo 16,9% alvos dos maus-tratos, 10,9% vítimas-autores e 12,7% autores da violência. (FANTE, 2005; CHALITA, 2008) Fundamentado nessas pesquisas iniciou-se o mapeamento da violência escolar brasileira, conforme informações do Centro Multidisciplinar de Estudos e Orientação sobre o *Bullying* Escolar – Cemeobes (Organização da Sociedade Civil de Interesse

Público (Oscip) desde 24 de abril de 2007, sediada em Brasília, DF, que mantém o site www.bullying.pro.br).

De acordo com o estudo sistemático desenvolvido pela pesquisadora Cleo Fante (2005, p.61), durante o período de 2000 a 2005, nas escolas do interior paulista, por meio de pesquisas teóricas e de campo, de depoimentos de alunos, pais, professores e funcionários a presença do *bullying* é fato consumado, seja a instituição de porte pequeno, médio ou grande, central ou de periferia, pública ou privada, nas séries iniciais ou finais e independentemente do tamanho da cidade. Fante (2005, p.61) afirma “o *bullying* acontece em 100% das nossas escolas”.

Destacamos um dos estudos desenvolvidos pela educadora e citado por Chalita nos anos de 2002 e 2003, em São José do Rio Preto, pesquisa que envolveu cerca de 2 mil alunos em oito escolas da rede pública e particular, e revelou que 49% dos estudantes estavam envolvidos com o *bullying*, sendo 22% protagonistas-vítimas, 15% agressores, e 12% vítimas-agressores (FANTE, 2005; CHALITA, 2008, p. 121).

A violência camuflada em meio a conflitos naturais da convivência humana acomete, a cada dia, um grande número de vítimas. Segundo Chalita (2008, p.124), “os conflitos começam por uma razão identificada e terminam quando a questão é resolvida. No caso do *bullying* não há motivo que explique ou justifique tal perversidade sem fim, sem data e nem hora para acabar”.

Os altos índices sobre o fenômeno detectados em escolas brasileiras, por meio de pesquisas realizadas por Cleo Fante de 2000 até 2005 data de publicação do livro, em escolas do interior paulista e no Distrito Federal, revelam um grave problema social e que passa despercebido pela maioria das escolas.

Em 2004, o psicólogo e pesquisador Leonardo Cheffer publicou nos Anais da Sexta Semana de Psicologia da Universidade Estadual de Maringá, o trabalho *Subjetividade e Arte*, dados e impressões sobre o *bullying*, afirmando que o fenômeno reflete a ideologia da dominação da sociedade. Os resultados da pesquisa que envolveu 240 alunos de 5ª a 8ª séries de uma escola pública do norte do Paraná, segundo Cheffer (2004), reflete o papel social da escola, que é influenciada pela sociedade e que ao mesmo tempo influencia o meio.

Atos perversos e violentos nascem em uma sociedade que alimenta idéias e padrões preconceituosos e discriminatórios, onde os valores são estabelecidos, mas não praticados. Segundo Mcperson e Brown (apud PEREIRA, 2002, p.101) a

aprendizagem social ocorre por imitação de modelos significativos na tenra idade. O processo de socialização do indivíduo tem início no seio familiar e, posteriormente, com seu grupo de pares, quando começa a frequentar a escola. Acontecimentos, em solo brasileiro, alertam a sociedade para uma ideologia enraizada em nossa cultura. Há casos como o do índio Pataxó, Galdino Jesus dos Santos, de 44 anos, que morreu após ter seu corpo queimado pela ação de cinco jovens brasilienses. Os jovens justificaram seus atos dizendo que não sabiam que era um índio, acharam que era um mendigo. O caso de Janaína Azevedo em 2007, no Recife, espancada por dois rapazes porque a confundiram com um travesti; o caso da empregada doméstica espancada e roubada no ponto de ônibus, na Barra da Tijuca, no Rio de Janeiro, por cinco jovens que alegaram tê-la confundido com uma prostituta (CHALITA, 2008).

Cheffer (2004) e Chalita (2008) referem-se a uma ideologia que permite agredir, tirar a vida do próximo por intolerância à condição do outro, ou por se sentir superior às diferenças. Existe falta de valores, a ação cruel que tirou a vida de um ser humano e os atos que deixaram cicatrizes para o resto da vida em suas vítimas, para os agressores foram classificadas como “brincadeiras de mau gosto”.

Uma sociedade em que mendigos, travestis e prostitutas “merecem” ser espancados e mortos, pode ser reflexo de uma sociedade que permite que jovens e crianças qualificados como esquisitos, tímidos, feios, diferentes do padrão estabelecido pelo grupo sejam escarnecidos, humilhados, excluídos, atormentados, ameaçados, ridicularizados. (CHALITA, 2008, p.128).

De acordo com Chalita (2008, p.128) “o *bullying* é uma manifestação dessa rejeição de ordem social que priva o indivíduo, considerado diferente e inferior, de sua dignidade e de seu direito de participar e de existir”. Para Fante (2005, p. 64), “os portadores de deficiência física e de necessidades educacionais especiais correm maiores riscos de se tornarem vítimas de *bullying*”.

As características das crianças especiais podem ser vistas como um motivo para as ações violentas dos agressores, bem como a sua falta de popularidade e insegurança. Segundo Martlew e Hodson (1991apud PEREIRA, 2002, p.67) são crianças frequentemente ridicularizadas. Para Smith, Thompson e Whitney, Nabuzoca (1993, apud PEREIRA, 2002, p.67) além de serem ridicularizadas são mais vítimas do que as outras crianças.

A diferença existente em cada indivíduo, para muitos “seres humanos”, ainda é motivo de marginalização e desmerecimento, pelo fato de não pertencer a um protótipo pré-estabelecido por uma sociedade ou mesmo pelo mundo. O estranho torna-se errado, não apenas diferente.

O fenômeno se estende silenciosamente, dissemina a violência, o ódio que conduzem ao dissabor e à busca de vingança pela dignidade perdida.

Os Estados Unidos, em abril de 2007, volta a ser o protagonista de mais um massacre no contexto escolar. Segundo Chalita (2008, p.146) “foi o maior massacre em uma instituição de ensino da história dos Estados Unidos”. O estudante, Cho Seung-Hui, sul coreano de 23 anos, entra armado na Escola Pública de segundo grau, Westfield, na cidade de Chantilly, na Virginia, mata 32 pessoas e suicida-se. Cho planejou minuciosamente os ataques. Entre um assassinato e outro, o sul coreano foi ao correio e enviou um pacote com vários vídeos e fotos à emissora de TV NBC, em Nova York. Dos 27 vídeos em que Cho aparece falando diretamente para a câmera, três mensagens publicadas no jornal Folha de S. Paulo, alerta para o *bullying*:

Eu não precisava fazer isso; eu poderia ter desistido; eu poderia ter fugido. Mas não; eu não vou mais fugir. Não é por mim; mas por meus filhos, por meus irmãos e irmãs que vocês ferraram. Eu fiz isso por eles”. – “Vocês tiveram bilhões de chances e maneiras de evitar os acontecimentos de hoje. Mas vocês me encurralaram e me deram só uma opção. A decisão foi sua; agora vocês têm em suas mãos sangue que nunca mais será lavado”. – “Quando a hora chegou, eu fiz. Eu não tinha de fazer isso, eu poderia ter fugido, mas eu não vou mais fugir. Senão por mim, por meus irmãos e irmãs. Seus esnobes sádicos. Vocês sabem o que é ser cuspidos na cara? (DÁVILA, 2007, p. A14).

Essa é uma mensagem de vítima que se tornou agressor: relato de sofrimento, dor, discriminação, preconceito e exclusão. O psiquismo de Cho estava comprometido. Ele também expõe, nos vídeos, ódio aos mais abastados financeiramente. Alguns familiares de Cho relatam que sua infância foi marcada pelo silêncio e pelas dificuldades de relacionamento em casa e com amigos. Estudantes que o conheciam desde o colégio, descrevem Cho como um indivíduo quieto que abaixava a cabeça ao passar pelas pessoas para não fitar o olhar; solitário, não tinha amigos, e escrevia textos com conteúdos violentos, muitas vezes reprovados pelos professores (DÁVILA, 2007, p.A15).

Para o psicólogo Antonio de Pádua Serafim, coordenador do Nufor (Núcleo de Estudos e Pesquisas em Psiquiatria Forense e Psicologia Jurídica), o comportamento de Cho era um alerta. Serafim conclui que o caso de Cho esconde uma típica história de rebaixamento da autoestima, de não adaptação, potencializado pela cena político-cultural americana de segregação e elogio ostensivo da lei do mais forte (SERAFIM apud DAVILA, 2007, p. A-14). Muitos psicólogos são unânimes em alegar que a autoestima é o instrumento que o ser humano possui para enfrentar os desafios diários, uma espécie de sistema imunológico emocional.

O filósofo francês Michel de Montaigne (1533-1592) ensinava que as experiências negativas de vida arquivam nas pessoas predisposições violentas e até monstruosas (MONTAIGNE apud NÃO DEIXE..., 2007, p. 9).

Diante das mensagens de Cho Seung-Hui, algo terrível acontecia entre os pares do Colégio Virginia Tech, *bullying*. Uma forma de violência recôndita, onde aquele que vê é conivente ao ato brutal e cruel, repetitivo, que fere o sentimento atinge a autoestima e a mente do ser humano. Cho encontrou no massacre um meio de expressar sua indignação e sua dor por anos de injustiça. Diante das tragédias, segundo Chalita (2008) todos os protagonistas passam a participar de um único grupo.

De vítimas a vilões. Acuados e isolados, os alunos vítimas de *bullying* passam a ter pensamentos destrutivos alimentados pela raiva reprimida. Nasce o desejo de 'matar' a escola, de destruir o registro da dor, de tornar-se importante e lembrado de alguma forma. Em dramas como esse, apagam-se as linhas divisórias que classificam autores, vítimas e expectadores. Todos passam a integrar um único grupo: vítimas da violência. (CHALITA, 2008, p.142).

As tragédias despertam o mundo para atos cruéis que culminam em dores sociais. Segundo Chalita (2008, p.89), "certamente, reconhecemos esses personagens em nós mesmos e nos outros". Em algum momento da existência, protagonizamos atos violentos.

O *bullying* muda o comportamento das vítimas, tira-lhes o poder de avaliar a atitude certa da errada, indivíduos que só queriam conviver em sociedade, tornam-se protagonistas de trágicas histórias, devido às violências sofridas. As ações do fenômeno criam um círculo de violência, onde a vítima, de tanto ser agredida, almeja

em um só ataque, exterminar seu agressor ou mesmo qualquer indivíduo que encontrar em seu caminho.

1.4 O CÍRCULO VICIOSO DO *BULLYING*

O mundo perplexo perante o poder que o fenômeno *bullying* exerce sobre suas vítimas, destruindo suas defesas psíquicas, alimentando-as de ódio e ações de vingança, se questiona sobre atos desumanos de alunos contra alunos. Segundo Fante (2005, p.22), “ao que tudo indica o autor ou os autores de todos os massacres planejaram detalhadamente seus atos”. Para o Centro Nacional de Avaliação de ameaças do Serviço Secreto dos Estados Unidos, 17 adolescentes sabiam que o massacre em Columbine aconteceria e quais seriam os pontos estratégicos para melhor assistirem aos acontecimentos. Cho planejou, gravou e enviou à emissora de TV NBC um pacote contendo vídeos, fotos e mensagens. No Brasil, em Taiúva, interior do Estado de São Paulo um amigo sabia o que ia acontecer na escola. Em Remanso, interior Baiano, supõe-se que um colega tinha ciência dos assassinatos, conforme carta escrita pelo adolescente.

O autor ou autores das tragédias que premeditaram seus intentos, via de regra, não tinham passagem pela polícia, não eram criminosos e, em nenhum dos casos houve motivação reativa imediata que fosse evidente, como brigas, discussões ou desentendimentos que provocassem tal ira que os levassem a entrar na escola e a praticar atos cruéis de violência. O planejamento e execução das ações foram muito bem arquitetadas, bem como o desfecho suicida.

As vítimas do *bullying* planejam minuciosamente suas ações em busca da paz e do amor próprio. Alunos que têm como característica a timidez, a pouca habilidade de autoafirmação, a dificuldade de relacionamento com seus pares, pela rejeição eminente, devido à raça/etnia, à cor, ao credo e/ou às diferenças físicas, sofrem silenciosamente, de maneira sistemática, por um longo período de tempo, maus tratos, humilhação, rejeição social, gozações, perseguições, desrespeitos por serem diferentes em seu biotipo. Por isso, de cidadãos comuns, vítimas por um fenômeno preconceituoso, desumano e violento, passam a ser criminosos.

Segundo o psicólogo e pesquisador, José Augusto Pedra, (apud FANTE, 2005, p.12) as vítimas do *bullying* tornam-se “reféns de uma angústia vacilante” que interfere diretamente no seu sistema psíquico, causando medo, constrangimento e

raiva reprimida. Esses sentimentos aprisionam a mente, produzem inconscientemente cadeias de pensamentos que resultarão em processos psíquicos destrutivos de si mesmo e da sociedade, como o alojamento do desejo de matar, por vingança, o maior número de pessoas, seguido de suicídio.

Os registros traumáticos instalados nos arquivos da memória das vítimas do *bullying* desencadeiam pensamentos angustiantes, geradores de emoções conflitantes de ansiedade e tensão. O armazenamento dos conflitos intrapsíquicos produz reações bioquímicas descompensadas que conduzem ao stresse, que pode causar sensações corporais como taquicardia, sudorese, diurese, dor de cabeça, náuseas, vômitos, diarreias, além de outros sintomas. Tais reações, associadas aos sentimentos de dor, angústia, humilhação e discriminação, podem motivar idéias destrutivas de vingança e suicídio (FANTE, 2005, p.192).

Não se pode afirmar que toda vítima de *bullying* será protagonista de trágicos acontecimentos. Sabe-se que as experiências traumáticas alojadas no arquivo da memória de suas vítimas causam dificuldades na autopercepção e na autoestima, comprometendo a capacidade de autossuperação na vida. Prejudica o desenvolvimento da inteligência, da autoexpressão, da atitude de primar por cidadania e qualidade de vida. Segundo Chalita (2008, p.147) “para os sobreviventes, fica a ausência de sentido da condição humana”.

Os agentes ou alvos de *bullying* desenvolvem seus comportamentos, violentos ou submissos, de acordo com o meio ambiente em que estão inseridos, como família e escola, e pelos estímulos que recebem dos meios de comunicação social, além dos fatores individuais, inatos, como sexo e hereditariedade.

A família, ponto de partida para o aprendizado do indivíduo, deve ser o local onde a criança aprende ou deveria aprender a se relacionar, respeitar e valorizar as diferenças de cada ser, além de desenvolver meios de lidar com os próprios sentimentos e com os conflitos surgidos nas relações interpessoais para que, no futuro, com sua inserção no meio escolar, ela tenha subsídios para conviver com a diversidade humana, bem como com os meios de comunicação social.

Sendo a família o modelo primeiro de socialização, ela deveria constituir um modelo positivo para a criança, uma vez que o registro de suas primeiras experiências emocionais surge da relação de afeto com as figuras materna e paterna, formando matrizes psíquicas que determinarão sua visão de mundo e de si mesma. A partir dessas primeiras experiências é que ocorre a introdução dos modelos de identificação, decisivos no desenvolvimento de

seu processo socioeducacional. Entretanto, quando esses modelos de identificação se fixam em aspectos negativos, podem atuar como “vírus psíquicos”, tornando-se fontes geradoras de condutas agressivas ou violentas, comprometendo todo o seu processo socioeducacional. (FANTE, 2005, p. 174-175).

A influência dos meios de comunicação na vida das pessoas vem aumentando a cada dia. Em muitos casos a mídia se apodera de um espaço de informações que deveria ser da família, mas que, por vários fatores, principalmente a falta de tempo, deixa lacunas que são preenchidas principalmente pelo meio de comunicação televisivo. Segundo Fante (2005, p.171) “existe uma grande relação entre a televisão e a construção da identidade e do comportamento não só dos adolescentes, mas de toda a sociedade.”

A invasão da tecnologia na vida do indivíduo, principalmente do adolescente é um potente fator que contribui para as mudanças socioculturais e, por conseguinte, do ambiente social. Atualmente, o excesso de informações veiculadas pela mídia, tornar-se vítima, testemunha ou agente de violência é condição que pode ficar registrada na história de vida do adolescente. Mesmo as experiências não vividas pessoalmente são trazidas à tona em detalhes pela mídia, ou seja, a exposição às drogas, *gangs*, armas, problemas raciais, atividades terroristas, e mesmo desastres naturais (BRASIL, 2002).

De acordo com a teoria de aprendizagem social de Bandura (1973 apud PEREIRA, 2002, p.10), o comportamento agressivo é socialmente apreendido, tendo os meios de comunicação social, e em particular a TV, um papel de modelagem importante.

Aberastury e Knobel (1981) comparam o adolescente a uma “esponja”, que absorve tendências e comportamentos estimulados. A adolescência é um período em que o indivíduo se encontra vulnerável tanto às informações de caráter positivo, quanto às de negativo, dependendo do que sua receptividade ao meio resolve absorver.

Segundo Marçolla (2008, p.3), “a mídia traz as histórias de tradição oral e seus conteúdos que contribuem para a individuação, interferindo, inclusive na determinação do comportamento humano”.

O homem se utiliza da mídia como instrumento de difusão de opiniões, hábitos, comportamentos, modas, etc. Nessa perspectiva os meios de comunicação

tanto podem contribuir de maneira positiva como negativa na vida do ser humano, mediante o seu próprio conhecimento.

Diante do exposto, a mídia, principalmente eletrônica, pode vir a reforçar comportamentos negativos, e o *bullying* acaba se tornando cada vez mais presente no meio dos adolescentes, facilitado pelo advento de uma sociedade altamente tecnológica e suas peculiaridades, pela banalização das situações de violência, pela desigualdade social, econômica e cultural, pela prática de atividades ilícitas e pela cultura de consumo (BRASIL, 2002).

A ficção influencia a realidade da mesma forma que a realidade produz subsídios para o contexto ficcional. A simbiose existente entre arte-realidade é definida por Pablo Picasso como “arte que não é a verdade, mas faz-nos entender a verdade.” (GUZMAN, 2007).

O *bullying*, retratado no mundo fílmico pode não ser a verdade vivenciada todos os dias pelas vítimas, mas é uma das formas de entender a violência recôndita, instalada na sociedade, que causa prejuízos físicos, mentais, emocionais e sociais e que pode desencadear atos de violência e suicídio. Marçolla (2008, p.1) declara “a mídia legitima o que o ser humano já conhece, desvenda o que ele guarda ao longo de gerações e, por que não, retrata, por meio de suas imagens, as próprias imagens humanas”.

O fenômeno *bullying* analisado como uma forma de violência cruel e desumana que ocorre no mundo todo e possui sua raiz em um indivíduo ou em um grupo deles não é recente se pensarmos ao longo das gerações onde o preconceito e a discriminação imperam em relação aos negros, aos menos favorecidos financeiramente, aos deficientes, etc.

Cada ser humano é único, essa individualidade toma formas de acordo com o meio em que está inserido. O indivíduo desenvolve determinados comportamentos mediante fatores externos que permeiam sua vida. Os atos cruéis dos agressores estão relacionados ao conjunto das ações vivenciadas por ele, na família, na escola, no contexto social e tecnológico.

No próximo capítulo serão abordados os fatores que contribuem para o desenvolvimento comportamental do agressor, que pratica *bullying*. Fatores vivenciados na família, na escola e na mídia cinematográfica como meio de comunicação eficaz de socialização e veículo influente de representação sobre a vida social, provedora de informações e transmissora de valores positivos.

CAPÍTULO 2 - FATORES QUE CONTRIBUEM PARA O DESENVOLVIMENTO COMPORTAMENTAL DO AGRESSOR QUE PRATICA *BULLYING*

A violência e a injustiça são problemas de todos. Quem permite a violência contra o outro está, implicitamente, aceitando a violência contra si mesmo. Mantendo essa posição de cegueira, a violência vira contra ele, mais dia ou menos dia. [...] pode ser que a cegueira poupe do sofrimento quem acredita não ver, contudo exacerba a angústia de quem o vive. (CHALITA, 2008, p.113).

Para Cleo Fante (2008, p. 158), “se alguns alunos estão em sofrimento profundo, temos nossa parcela de responsabilidade, seja por falta de conhecimento, seja por omissão ou até mesmo conivência”. Dessa forma é preciso saber a razão de atos cruéis ou com requintes de crueldade que afloram de seres humanos contra outros da mesma espécie. Chalita (2008, p.97) enfatiza: “livrar-se da agressão, e não do agressor, deve ser o propósito de todos nós”.

A agressividade humana é tema de muitos estudos e de diferentes correntes explicativas. Segundo Bandura e Walters (1959), o ser humano aprende a ser agressivo de acordo com o meio social em que está inserido, família, escola, trabalho e meios de comunicação. Estes comportamentos são adquiridos por meio de aprendizagem social para alcançar determinados objetivos.

O psiquiatra Augusto Cury (2003), que desenvolveu a teoria da inteligência multifocal, apresenta subsídios para melhor compreensão do comportamento agressivo e completa a idéia de Bandura e Walters (1959) por meio do conhecimento dos papéis que a memória desempenha, da construção das cadeias de pensamento e das reações emocionais oriundas dessas construções.

A teoria da inteligência multifocal explica como são registradas, inconscientemente, na memória, as experiências vivenciadas pelo indivíduo desde a vida intrauterina até a morte. Os registros ocorrem independentemente da vontade do indivíduo, no decorrer da vida, e as experiências mais traumáticas são resgatadas com prioridade. A memória registra e arquiva as experiências vividas formando, em cada ser, uma história intrapsíquica que determina a formação do *eu*, e essas memórias são resgatadas inconscientemente pelo indivíduo em determinados momentos (CURY, 2003).

De acordo com Cury (2003, p. 95) em sua teoria da inteligência multifocal,

A consciência do “eu” se dá a partir do arcabouço das memórias registradas ao longo da vida, criando zonas de registros que poderão, em determinados momentos, “ancorar” os pensamentos a um tipo de emoção, fazendo com que o “eu” se torne fragilizado e escravizado a construção de pensamentos negativos, os quais não encontram outra forma de expressão a não ser pelo comportamento agressivo.

O comportamento agressivo tem sua origem nas experiências registradas na memória do ser humano, que inconscientemente produzem uma elaboração afetivo-cognitiva desde a fase intrauterina. Esses registros produzem, involuntariamente, valores a situações da infância. Condutas violentas acontecem por terem sido armazenadas no íntimo do indivíduo como forma de resolução de conflitos ou realização pessoal.

Como a família é a base para o aprendizado social do indivíduo, é ela que desenvolve fatores positivos ou negativos que podem desencadear agressividade tão grande que conduz à violência. Estímulos saudáveis extraídos da família permitem que as crianças assimilem sentimento de amor-próprio e capacidade de confrontar-se com situações emocionalmente difíceis, desenvolvendo a empatia, colocando-se no lugar do outro diante de situações de sofrimento. Estímulos negativos vivenciados no seio familiar, como violência entre os pais e contra a criança, falta de afetividade, gritos intimidadores e a falta de atenção criam nas crianças modelos que serão seguidos posteriormente.

A criança não nasce com consciência do que é certo ou errado, constroem seus padrões e valores mediante o que lhe é transmitido pelos pais; em um dado momento de sua vida passa a interiorizar padrões de conduta moral. De acordo com Chalita (2008, p. 165):

Os pais, de alguma forma, contribuem para a descoberta da razão de existir. É numa estrutura sólida que a criança e o adolescente vão suprir suas necessidades de amor, de valorização, de limites e de coerência. Valores que contribuem para o desenvolvimento de habilidades de autodefesa e autoafirmação.

O processo de constituição familiar não mais está centrado na configuração tradicional, formada por pai, mãe e filhos vivendo sobre o mesmo teto, chamado lar. Os lares podem ser formados por pais divorciados que criam seus filhos com outros conjugues, viúvos, que são pais e mães ao mesmo tempo, avós que assumem a criação de seus netos ou mesmo família composta por pessoas do mesmo sexo.

Independentemente de sua configuração, a família é a base para que o indivíduo não assuma posturas violentas no decorrer de sua vida.

Segundo Pereira (2002), a família, em suas práticas educativas, assume comportamentos que vão da imposição de autoridade à total liberdade de ação.

A educação familiar pode assumir características autoritárias, democráticas ou permissivas. Assistimos a uma oscilação pendular em matéria de educação. De um excesso, a educação marcada pelo autoritarismo desliza para o lado oposto, a educação marcada pela permissividade. (PEREIRA, 2002, p. 12).

Ambientes familiares onde os pais são dominadores e autoritários usam de violência física ou verbal, podem contribuir para a agressividade dos filhos ou para torná-los inseguros e incapazes de reagir aos confrontos do *bully*. Ambientes permissivos, onde os pais perdem a sua função de transmissor de valores e aceitam comportamentos antissociais, como ataques de birra, de ira, depredações de bens, uso de vocabulário desrespeitoso, insolência, deboche, crueldade com membros da família ou animais, como comportamentos adequados, permite que, no futuro seu filho reproduza com o outro o que foi lícito em casa, desrespeitando o próximo.

Para Chalita (2008), na prática educativa no ambiente familiar, para ter bons resultados, é preciso ter equilíbrio. O ambiente participativo, onde os filhos interagem com os membros da família, tem grandes chances de propiciar essa harmonia dentro e fora de casa.

A melhor maneira de promover a participação é envolver efetivamente os filhos na dinâmica familiar com divisão de tarefas e responsabilidades, esbanjando afeto e amor. No lar participativo, os filhos exercitam a liberdade, a autonomia, a escolha, a participação nas conversas e nas tomadas de decisão, obviamente de acordo com a maturidade de cada um (CHALITA, 2008, p.179).

Famílias desestruturadas, que assumem posturas educativas totalmente autoritárias, ou democráticas, ou permissivas sem equilíbrio e que não reconhecem o momento certo de educar, repreender e orientar, pode reforçar a violência que, posteriormente, será refletida para a sociedade.

Nancy Day (1996) corrobora com as idéias apresentadas sobre os fatores que contribuem para o desenvolvimento comportamental do agressor que pratica *bullying*.

Uma atitude negativa pelos pais ou por quem cuida da criança ou adolescente; uma atitude tolerante ou permissiva quanto ao comportamento agressivo da criança ou do adolescente; um estilo de paternidade que utiliza o poder e a violência para controlar a criança ou o adolescente; e uma tendência natural da criança ou adolescente a ser arrogante. Afirma ainda que a maioria dos bullies são meninos, mas as meninas também o podem ser. As meninas que são bullies utilizam, às vezes, métodos indiretos, como fofocas, a manipulação de amigos, mentiras e a exclusão de outros de um grupo (DAY, 1996, p. 44-45).

Em relação ao gênero dos agressores, Fante (2005, p. 55) após pesquisa realizada na cidade de São José do Rio Preto, com aproximadamente quatrocentos e cinquenta alunos, declara:

38% eram meninos agindo individualmente; 13%, meninos agindo em grupos; 7%, meninas agindo individualmente; 4%, meninas agindo em grupos; 11%, grupo misto, formado por meninos e meninas; e 2%, participação generalizada, incluindo adultos.

A violência independe de gênero, as meninas agindo indiretamente podem ser mais cruéis do que os meninos; agredem por meio de difamações, intrigas e fofocas com o objetivo de excluir outras meninas. As meninas estão imitando os comportamentos dos meninos, como forma de obter e demonstrar poder (FANTE,2005).

Lagerspetz e Bjorkqvist (1992 apud PEREIRA, 2002, p. 57) afirmam que os homens usam mais agressões corporais ao passo que as agressões verbais são mais do domínio das mulheres.

As principais causas comportamentais do agressor estão relacionadas à carência afetiva, à ausência de limites e à maneira com que os pais declaram seu poder sobre os filhos, por meio de condutas que incluem maus-tratos físicos e explosões emocionais violentas. De acordo com Fante (2005, p.175) “a relação afetiva entre pais e filhos repercute na formação da personalidade do indivíduo”.

O comportamento violento dos *bullies* que agredem pelo simples prazer de desmoralizar e ganhar poder está relacionado à falta da prática de valores humanísticos que deveriam ser pré-estabelecidos pela família e pela sociedade diante da diversidade humana. Para Chalita (2008, p.183) “os agressores são igualmente vítimas da violência social e, de alguma forma, também necessitam ser acolhidos e ajudados”.

O *bullying*, na infância e na adolescência, se instala principalmente nos ambientes escolares e faz de suas vítimas reféns do medo e da vingança, direcionando-as para um futuro de mágoas, de vergonha e incertezas, chegando a assassinatos e suicídio. O agressor reproduz em seus pares a violência vivenciada em casa. Na fase adulta o agressor continua a perpetuar sua violência, age em todo e qualquer ambiente: na rua, em casa, no trabalho, em ambientes de diversão, em lugares abertos ou fechados, no meio de multidão ou isoladamente.

Fante (2005, p. 56-57) constatou em sua pesquisa, em 2002, na cidade de São José do Rio Preto, por meio das respostas dos alunos envolvidos no fenômeno *bullying*, que 31,84% dos agressores eram vítimas da violência doméstica; 49,46% responderam que reproduziam as agressões sofridas, contra outras pessoas: 39,13% reproduziam-na contra os próprios irmãos; 34,78% contra os colegas de escola; 13,04% contra qualquer pessoa; e 6,52% contra os professores. Para a pesquisadora

Provavelmente, o aluno que vitimiza seus companheiros procura inconscientemente encontrar nessa conduta uma maneira de reproduzir os comportamentos agressivos introjetados pelos modelos educativos, ou, quem sabe, chamar a atenção para que alguém o perceba, ouça, compreenda e que possa vir em seu auxílio. (FANTE, 2005, p.208).

Os *bullies* iniciam o círculo vicioso que conduz o indivíduo de vítima a se transformar em agressor. Os indivíduos agressivos agem silenciosamente, e sem pretexto visível; metodicamente, humilham e intimidam suas vítimas por meio de insultos, de acusações, de depredações, de destruições de materiais pessoais e de difamações sobre a própria vítima ou membros da família. Os atos violentos disseminados pelos agressores desmoralizam suas vítimas, deixando-as constrangidas e isoladas do grupo social.

O fenômeno não escolhe classe social e econômica; quando menos se espera a violência toma formas cruéis e desumanas, atingindo o indivíduo independente da posição que ocupa.

Segundo a análise de documentos e pesquisa sobre a violência, em diferentes regiões do país, Unicef (Fundo das Nações Unidas para a Infância), revela que:

As várias formas de violência contra as crianças e adolescentes não diferem fundamentalmente de uma área para outra, nem mesmo nas diferentes camadas sociais. Há, todavia, peculiaridades que distinguem a incidência de algumas manifestações violentas em grupos distintos, quais sejam, gênero, raça e faixa etária. (UNICEF, 1998, p. 137).

O aumento dos índices de violência nos últimos anos, em todas as camadas sociais, está diretamente relacionado às questões de natureza cultural, social, ideológica e econômica.

Para os agressores ou *bullies*, os atos violentos são considerados como prática perfeitamente aceita, devido às experiências familiares e sociais, internas e externas vivenciadas desde a primeira infância e que se estende ao longo de sua existência.

Segundo Fante (2005), os agressores encontram-se na faixa etária entre 13 e 14 anos, são líderes e sentem prazer em mostrar poder.

Chalita (2008) descreve como agem e sentem os agressores diante de suas vítimas e espectadores.

Normalmente são alunos populares, que precisam de platéia para agir. Reconhecidos como valentões, oprimem e ameaçam suas vítimas por motivos banais, apenas para impor autoridade. Sentem-se realizados e reconhecidos com o feito. Mantêm um grupo em torno de si, com o qual dividem a responsabilidade e por quem se sentem apoiados e fortalecidos. Aqueles que gravitam ao redor do líder ou líderes também são considerados agressores. (CHALITA, 2008, p. 86).

Os *bullies* se diferem dos demais indivíduos quanto às suas expectativas e valores. Apresentam maior dificuldade em controlar seus impulsos, em se relacionar e lhes falta empatia. Os agressores esperam que suas ações violentas resultem no domínio da vítima e não acredita sofrer represália.

Como a vítima, o agressor também apresenta comportamentos que podem contribuir para que ele seja identificado e auxiliado. Exibe uma postura física de valente, uma fisionomia de superioridade e semblante de orgulho pelas práticas desumanas; encontrar-se frequentemente com objetos e dinheiro de origem inexplicável; é agressivo, oponente, desafiante e hostil com membros da família e da comunidade escolar, não respeita regras, hierarquias e idade; é hábil para sair de situações de constrangimento; é autoritário, e usa de sua habilidade para dominar as pessoas com o objetivo de externar seu poder (FANTE, 2005).

O *bullying* causa prejuízos irreparáveis em suas vítimas e em seus agressores. Pereira (2002) descreve as consequências imediatas e a longo prazo para os agressores.

Vidas destruídas; crença na força para solução dos problemas; dificuldade em respeitar a lei e os problemas que daí advém, compreendendo as dificuldades na inserção social; problemas de relacionamento afetivo e social; incapacidade ou dificuldade de autocontrole e comportamentos anti-sociais. (PEREIRA, 2002, p. 25).

Cleo Fante (2005) e Chalita (2008), compartilham das idéias de Pereira (2002), para quem, tanto a vítima como o agressor, sofre as consequências desse fenômeno violento e sorrateiro. O agressor se deleita com a concretização de seus comportamentos autoritários sem imaginar suas consequências. Fante (2005, p. 80) confirma as possíveis implicações para os autores dessa prática cruel:

[...] o distanciamento e a falta de adaptação aos objetivos escolares, a supervalorização da violência como forma de obtenção de poder, o desenvolvimento de habilidades para futuras condutas delituosas – caminho que pode conduzi-lo ao mundo do crime -, além da projeção dessas condutas violenta na vida adulta, tornando-se pessoa de difícil convivência nas mais diversas áreas da vida: pessoal, profissional e social .

Segundo estudos realizados por Olweus (1993 apud FANTE, 2005, p. 81) é grande a relação entre o *bullying* e a criminalidade. Acompanhando o desenvolvimento de um grupo de alunos, com idades compreendidas entre 12 e 16 anos, que foram identificados como agressores no fenômeno *bullying*, o pesquisador constatou que a 60% deles havia sido imputada uma condenação legal antes que completassem 24 anos de idade. As estatísticas de criminalidade mostram-nos que os homens são os que mais praticam a violência física em todas as sociedades (ADORNO, 1994, p. 101). Contudo as mulheres também são agressivas e se utilizam de diversos mecanismos de ação (PEREIRA, 2002, p. 56) como difamações, agressões verbais, chegando à violência física.

A conduta humana é direcionada e constituída por fatores culturais. A sociedade determina que o sexo masculino, biologicamente, deve ser violento, enquanto que o sexo feminino não, a mulher é educada para reprimir seus sentimentos. Segundo Lagerspetz e Bjorkqvist (1992 apud PEREIRA, 2002, p. 57) a mulher, geralmente se torna agressiva quando é provocada.

A professora Mechthild Schafer, livre-docente em Psicologia Educacional da Universidade de Ludwig Maximilian, de Munique, na Alemanha, relata um estudo feito por pesquisadores dessa Universidade, para compreender o que motiva os autores do *bullying*. A investigação de longo prazo envolveu 288 alunos de 2ª e 3ª série em diferentes escolas situadas no sul da Alemanha. Na primeira fase do estudo os alunos foram questionados sobre suas experiências com o fenômeno, a segunda fase aconteceu 6 anos mais tarde onde os mesmos alunos, agora na 8ª série, foram entrevistados com o objetivo de diagnosticar se ainda eram alvos de *bullying* e como lidavam com o problema na adolescência. Os longos anos de trabalho revelaram que os agressores podiam ser identificados cedo na escola fundamental: mesmo com pouca idade, eles eram capazes de organizar assédio contra determinadas crianças. Os chamados *bullies* parecem estar sempre observando para eleger novas vítimas. Tendem a continuar intimidando ao longo de muitos meses e até mesmo anos, e encontram dificuldade para abandonar seu papel com o passar do tempo, pois essa ação lhes confere cada vez mais poder, fama e prestígio. A professora complementa que os agressores normalmente são crianças dominadoras, que aprenderam ainda pequenas, que poderiam se tornar líderes de um grupo ao serem agressivas. Sua estratégia é humilhar o colega física ou psicologicamente para conquistar o topo da ordem social. Com atitudes brutais, elas forçam as vítimas a se curvar (SCHAFFER, 2005).

Os agressores ou *bullies* espalham suas próprias dores e frustrações; para que as vítimas fiquem com medo, angústia e cheguem a certeza de que viver não vale a pena, se sobrevivem carregam os dramas do passado; são esquecidas, não possuem amigos, são desacreditadas e consideradas fracas. Ao agressor resta a glória, a soberba e a certeza de que sua prática social foi aceita e legitimada pela família e pela sociedade. Com o passar dos anos as vítimas se vão e os agressores continuam perpetuando suas práticas violentas, aterrorizando outras vítimas.

A lacuna de modelos educativos humanistas primeiramente deixadas pela família e, posteriormente, pela escola, instituições adequadas para propiciar e direcionar o bom comportamento do indivíduo em seu processo socioeducacional acarreta a intolerância e a falta de aceitação da diversidade humana, inerente a todo indivíduo. Segundo Fante (2005) e Chalita (2008), o *bullying* começa pela intolerância do indivíduo em aceitar uma diferença, independente de sua natureza,

crença, estatura física, raça, deficiência visual, auditiva, física e vocal; ou uma diferença de ordem psicológica, social, sexual e intelectual.

A intolerância resulta em comportamentos violentos que eclodem nas escolas pela falta de habilidades em conviver com as diferenças, de interagir e de resolver os conflitos que emergem das relações interpessoais. Chalita (2008) descreve como a criança se sente quando sai do convívio familiar e entra para a escola.

Um dos momentos mais desafiadores da vida de uma criança é o de entrar para a escola e aprender a se relacionar com pessoas diferentes. Viver essa experiência inclui aceitar e ser aceito, acolher e ser acolhido, valorizar e ser valorizado, amar e ser amado. Sempre enxergando as diferenças como fator de inclusão e não de exclusão (CHALITA, 2008, p. 138).

A educação sem equilíbrio na primeira infância, modelada por ações agressivas associada a fatores sociais, dificulta a inserção do indivíduo no contexto escolar. As consequências dessa educação, sejam na vida das vítimas ou dos agressores, aparecem no ambiente escolar devido à grande diversidade humana que acolhe e por ser palco de muitos conflitos. A escola não está preparada para lidar com os alunos que trazem como experiência a intolerância, a falta de afeto, a falta de limites e de valores, fatores indispensáveis para uma boa convivência.

Os fatores externos à escola, como a família, o contexto social e os meios de comunicação moldam a personalidade do indivíduo. A falta de condições da escola para impedir as influências externas e lidar com o fenômeno *bullying*, até mesmo por desconhecimento, propicia um ambiente de medo, repulsa e angústia para os alunos, pais, professores e funcionários. A insegurança extrapola os muros da escola e atinge a sociedade, quando ela não consegue atingir seu objetivo socioeducacional. Para Platão (2005, p.48), educação é liberdade, condição que nos emancipa da ignorância.

A educação liberta o ser humano direcionando-o para a compreensão da igualdade de direitos e obrigações; onde os direitos de um indivíduo terminam onde começam os direitos dos outros.

A desigualdade social causada pela pobreza e pelo desemprego é geradora de um meio social violento. A falta de condições econômicas exclui o indivíduo da sociedade, priva-lhe o direito a uma vida digna e das condições mínimas para

sobreviver (moradia, alimentação, educação e saúde). A este respeito, Fante (2005, p. 170) declara,

A exclusão social, principalmente a da infância e da juventude, é uma das causas que fazem com que prolifere a violência, pois, uma vez excluídos do convívio social, os jovens não encontram outra alternativa senão a violência – uma forma de mostrar que existem e que também fazem parte do mesmo contexto social. Para outros, o crescimento da violência também está associado ao agravamento da crise econômica que substitui as oportunidades legais de trabalho pelas ilegais, como o tráfico de drogas e armas.

A violência, como já foi dito anteriormente, está instalada em todas as camadas sociais, fato que nos faz conjecturar sobre a questão da pobreza e do desemprego desencadearem atos agressivos. A desigualdade social pode ser um dos fatores que, associado ao tipo de educação familiar recebida, estimula a violência, mas não é a principal causa.

O comportamento agressivo do indivíduo não pode ser atribuído a um único fator desencadeante, mas a um conjunto de condições. Para Chalita (2008), a família, a escola, e a sociedade não podem ser responsabilizados separadamente pela proliferação da violência.

A crueldade dos atos é fruto do somatório de todos esses componentes externos, que reforçam e nutrem tantos outros elementos internos, desencadeando a prática de atos agressivos contra outro ou outros (CHALITA, 2008, p.87).

A sociedade não é estática, conforme as mudanças acontecem os valores se modificam. A socialização é um conjunto de processos pelos quais a criança se torna membro da sociedade e responde às suas necessidades (DELAUWE et al., 1976, p. 112).

As estruturas da sociedade, das instituições em que o indivíduo está inserido e os valores que agrega, direcionam a sua socialização. O indivíduo interage com o meio social por meio de suas práticas e pela identificação dos exemplos. A aprendizagem social ocorre por modelos significativos.

Os meios de comunicação são administradores eficazes de socialização. São veículos influentes de representações sobre a vida social. A mídia tem o poder de interferir na construção da identidade não só da criança e do adolescente, mas de toda a sociedade; é provedora de informações e transmissora de valores.

O mundo, com o advento da tecnologia se vê bombardeado por uma sequência de estímulos publicitários e midiáticos que estabelecem padrões éticos e estéticos a partir do consumo de produtos e serviços, como roupas e acessórios; aparelhos eletrônicos, entre outros. As informações veiculadas pela mídia atingem cada vez mais um grande número de indivíduos de diferentes camadas sociais e diferentes valores adquiridos.

2.1 A INFLUÊNCIA DA MÍDIA CINEMATOGRAFICA NA VIDA DAS CRIANÇAS E ADOLESCENTES, INDIVÍDUOS EM FORMAÇÃO

O cinema, fonte ativadora do olhar humano, está cada vez mais apto a retratar a realidade por meio dos seus aspectos visíveis. A arte cinematográfica possibilita a compreensão do sentido impresso no gesto, divulgado na face humana ou evidenciado por uma paisagem.

A mídia cinematográfica expressa uma realidade sobre o indivíduo ou sobre a sociedade e perceber os detalhes e as informações peculiar de cada ser humano, qualificando positivamente ou negativamente a mensagem exposta nas imagens. Para Christian Metz (1982, p. 92) o filme é “nosso produto, o produto da sociedade que o consome”.

Se por um lado os teóricos da Aprendizagem Social como Bandura e Walters (1963) salientam que a mídia cinematográfica influencia o comportamento agressivo por meio da imitação de modelos que estabelecem alto *status* social ou de sucesso, por outro, esse meio de comunicação pode ser um poderoso mecanismo de educação contra a violência, contra o preconceito, provocando mudanças de atitudes e valores, veiculando informações e conhecimentos.

Pereira (2002) compartilha as idéias da teoria social de Bandura (1987), quando afirma que os meios de comunicação assumem um papel de modelagem, reforçando o comportamento agressivo em alguns indivíduos, ressaltando que em outros essa ação é atenuada.

O comportamento agressivo, em grande parte, é encontrado em indivíduos criados sem afeto, isolados socialmente, negligenciados, abusados fisicamente, sexual ou psicologicamente. Estes fatores, associados aos conteúdos veiculados

pelos meios de comunicação, colaboram para o crescimento da violência entre seres da mesma espécie, que se espelham em modelos significativos do seu cotidiano. Segundo Thompson (1998, p. 200) “os contextos de vida dos indivíduos têm um papel crucial na recepção, na apropriação e na incorporação dos produtos da mídia”.

Para Turner (1997), o cinema pode ser considerado como uma prática social, pois produz e reproduz significação cultural. Nessa perspectiva, chama a atenção para os sistemas e processos culturais que transportam em seu bojo o procedimento que constrói o modo de vida de uma sociedade.

Com a expansão da televisão, no final da década de 1950, ocorreu uma queda de público e uma mudança na constituição dos frequentadores do cinema. Antigamente eram as famílias que o frequentavam, pelo menos uma vez por semana, como modo de lazer. Hoje, o grande público está centrado na clientela mais jovem. Pesquisa realizada nos Estados Unidos, no Reino Unido e na Austrália, os maiores frequentadores do cinema estão entre 12 e 24 anos (TURNER, 1997, p. 97-98).

No Brasil, segundo Machado (2008), os dados sobre o público que frequenta o cinema foram divulgados por meio de estudo realizado na Universidade Federal de Pernambuco e indicam que 33% dos espectadores têm até 20 anos de idade, 40% estão na faixa etária dos 21 aos 40 anos e 27% dos usuários de cinemas brasileiros tem 41 anos ou mais. Informações reiteradas pelo *Ibope* em parceria com o site *Filme B* (www.filmeb.com.br), especializado no mercado de cinema brasileiro, podem ser comparados com os dados dos frequentadores do cinema apresentados em reportagem da Folha de São Paulo reproduzidos a seguir.

Num acordo entre o Ibope e a Filme B, empresa especializada no mercado cinematográfico, foram divulgados neste mês dados sobre o perfil do frequentador de cinema no Brasil. Ouvidas 10 mil pessoas em nove Estados, concluiu-se que 54% dos espectadores são mulheres. A faixa etária predominante é a de 20 a 29 anos (33%), seguida pela de 12 a 19 anos (30%). 62% dos espectadores se situam nas classes A e B, 29% na classe C e 9%, nas D e E. (ARANTES, apud MACHADO, 2008).

Considerando os dados citados nas duas pesquisas aproximadamente 60% dos frequentadores habituais do cinema de nosso país tem, no máximo, 30 anos. Espectadores composto por crianças, adolescentes e jovens adultos. Para Turner (1997, p. 98): “Este grupo etário parece não só compor a maioria dos freqüentadores

de cinema, mas também é o grupo para quem o conhecimento sobre os filmes mais recentes pode muito bem ser de alguma importância social ou subcultural.”

As histórias contadas nas telas fazem parte do mundo do indivíduo. Atribuir sentidos e compartilhar significados dependem dos valores assumidos por cada ser humano e das condições internas em construir analogias entre a sociedade que aparece no filme e a sua própria ideologia. Segundo Turner (1997, p. 81) “as narrativas do cinema são vistas dentro de um contexto que tanto é textual como social.”

Para crianças e adolescentes que crescem em um ambiente protegido, a exposição a uma determinada cena de violência pode ser ameaçadora e chocante. Para uma criança que vivencia em toda a sua infância e adolescência um ambiente violento, o impacto da cena de agressão é atenuado, ou pode funcionar como uma possibilidade de resolver conflitos, devido às experiências concretas de violência que enfrenta.

Dessa forma, o indivíduo projeta sua experiência na tela e, por meio dela, assimila modelos. Experiências positivas de vida conduzem o espectador, ao assistir a um filme, a usar seu censo crítico e a descartar modelos desviantes de seus valores. Segundo Thompson (1988, p. 42),

Mesmo que os indivíduos tenham pequeno ou quase nenhum controle sobre os conteúdos das matérias simbólicas que lhe são oferecidas, eles os podem usar, trabalhar e reelaborar de maneiras totalmente alheias às intenções ou aos objetivos dos produtores.

O indivíduo é bombardeado diariamente e, consecutivamente, por uma série de informações que advêm de vários setores e mecanismos de comunicação que compõem seu contexto. O avanço tecnológico propiciou e expandiu o acesso às diversas formas de informação conduzidas pela mídia a todas as camadas sociais. Independente da intenção dos produtores dessas informações, cada indivíduo, de acordo com suas habilidades e competências adquiridas em seu meio sócio-histórico, contextualiza e assimila os produtos propostos. Turner (1997, p. 82) conclui que,

[...] precisamos ter consciência de que os mitos, as crenças e as práticas preferidas por uma cultura ou um grupo de culturas penetrarão nas narrativas dessas culturas onde podem ser reforçadas, criticadas ou simplesmente reproduzidas. É possível captar as mudanças sociais nas

mudanças de tendências temáticas ou formais que ocorrem na narrativa ao longo do tempo.

Pereira (2002) destaca a alteração nas relações familiares com o advento das mudanças sociais e de seus valores, com o poder da mídia sobre o indivíduo. Em busca de uma vida melhor, as famílias se concentram em maior número nos centros urbanos, as crianças deixam de ter a proteção de seus avós e demais familiares. Os ensinamentos e sabedorias transmitidos por gerações anteriores perdem a sua importância e os meios de comunicação ganham espaço como transmissores de valores. Os pais estão mais ausentes e a tecnologia mais desenvolvida e atraente.

A falta de tempo para os filhos conduz as famílias a alimentarem o poder negativo da mídia. Esperam suprir as ausências e a má educação por meio de bens materiais, tolerando comportamentos inadequados como modelo de geração exibidos pelos meios de comunicação.

A influência dos conteúdos violentos dos filmes no desenvolvimento da criança e do adolescente altera conforme o contexto no qual as cenas são arraigadas. Para Turner (1997, p.82) a dimensão social da narrativa cinematográfica ocorre no nível do discurso “no modo como a história é contada, modulada, representada”. Cenas onde a prática da violência é recompensada e não punida apresenta diferenças significantes em relação às situações inversas no universo formador de valores do indivíduo. Na concepção de Bandura (1987, p.56) “quando a agressão é recompensada em certos contextos e não noutros, basta modificar os indícios das consequências prováveis para alterar o nível das respostas agressivas”.

Cenas onde os heróis justificam as práticas dos atos violentos por estar em defesa de valores sociais ligados à família, ao governo e ao território, podem gerar um sentimento de aceitação e de mecanismo apropriado para resolver problemas da vida real. O impacto dessas cenas é ainda maior quando esses heróis são interpretados por atores que fazem parte do rol de preferência dos adolescentes.

Exibir relação entre humor e violência é um contexto muito observado no meio fílmico, principalmente para a faixa etária dos adolescentes; essa associação é muito perigosa, pois as práticas violentas mascaram por meio do riso atitudes reprováveis, banalizando a dor e a humilhação das vítimas.

Os desenhos animados aparentemente inofensivos ocultam muitas vezes, mensagens subliminares de sexo, violência e terror. Essas mensagens vão marcando profundamente o subconsciente do pequeno espectador, e ele, que não consegue ver, objetivamente, o mal que lá se esconde, de tanto assistir aos referidos desenhos, acaba por repetir, maquinalmente, atos e palavras que magoam, oprimem e ridicularizam os colegas (PACHECO, 1985; CALAZANS, 1998).

O contexto onde a prática da violência é exibida, associado ao histórico social do indivíduo, criança ou adolescente, pode ser determinante para o impacto que as cenas produzem. Para Turner (1997, p. 83) “compreendemos as sociedades retratadas nos filmes por meio da experiência em nossa própria sociedade”. A ausência de punição, a recompensa, o ato violento como prática socialmente aceita, justificada como meio de resolução de conflitos, a crueldade que conduz ao riso, a banalização da violência vista com normalidade no dia a dia, o consumismo e os padrões de beleza impostos, são as influências negativas do cinema sobre os jovens que compõem o retrato da sociedade.

Ignorar ou mesmo mascarar os efeitos da violência não elimina o problema instalado na sociedade e narrados nos filmes. A violência retratada nas telas do cinema deve conduzir para uma educação antiviência.

A arte cinematográfica faz parte do processo global de socialização dos jovens e seus efeitos positivos não podem ser ignorados. O indivíduo está em constante aprendizagem, os atributos socialmente adquiridos, habilidades e competências são, frequentemente, modificados por meio de conteúdos mediados e significativos oferecidos pelos filmes.

O alcance do cinema atualmente é ilimitada, pois se tornando cada vez mais acessível aos indivíduos de todo o mundo, pode ser considerado um importante veículo de disseminação de informações.

Thompson (1998, p.146) escreve que uma das questões da globalização dos produtos da mídia é o seu poder em atingir diferentes partes do mundo, “o material produzido em um país é distribuído não apenas no mercado doméstico, mas também – e em níveis sempre crescentes – no mercado global”.

Considerar o indivíduo somente como captador de mensagens negativas que são veiculadas pelo cinema é desconsiderar o poder de autoavaliação e o contexto no qual está inserido, como relata Thompson (1998, p. 154)

[...] à recepção e a apropriação dos fenômenos culturais são processos fundamentalmente hermenêuticos nos quais os indivíduos se servem de recursos materiais e simbólicos disponíveis a eles, bem como da ajuda interpretativa oferecida por aqueles com quem eles interagem quotidianamente, de modo a dar sentido às mensagens que recebem e incorporá-las de alguma maneira em suas vidas.

Para Chalita (2008, p. 197) “filmes, peças de teatro, textos literários, contação de histórias podem ajudar a semear bons valores”. Os conteúdos fílmicos difundem valores capazes de instigar uma sociedade a ser mais solidária ou mesmo discutir o tema da violência de maneira mais apropriada, ampliando a reflexão acerca da vida humana como um bem precioso que não pode ser negligenciado.

O tema da violência retratado nos filmes e a sua repercussão na vida das crianças e adolescentes não pode ser considerado negativo em sua essência; o foco crucial está na forma de apresentação. A abordagem, a partir de uma contraposição do conteúdo positivo versus conteúdo negativo, pode conduzir os indivíduos a aprendizagens de valores, como paz, respeito e solidariedade. A narrativa de um contexto de violência torna-se, muitas vezes, a trajetória necessária para transmitir uma mensagem de paz; por ele trilha-se o caminho inverso, por meio de conteúdos negativos chega-se ao objetivo central, disseminar bons valores.

A arte cinematográfica atravessa fronteiras e leva para além de seu território, informações e conhecimentos de condições de vida diferentes do cotidiano do espectador, não literalmente, mas simbolicamente e imaginativamente. É um meio de apropriação de conhecimento, mesmo que parcialmente, de costumes, de condições de vida e de regiões diferentes.

A propagação dos meios de comunicação, principalmente a televisão e o cinema, influenciou positivamente o senso crítico do indivíduo transformando sua prática social. Antes do processo midiático chegar a todas as classes sociais os conhecimentos eram transmitidos por líderes de opinião que propagavam as tradições, os valores e os conceitos dos antepassados, tornando a sociedade limitada. Segundo Thompson (1998, p. 150) “[...] à medida que os indivíduos tiveram acesso aos produtos da mídia, eles puderam também manter certo distanciamento do conteúdo simbólico das interações face a face e das formas de autoridade que prevaleciam em seus contextos sociais”.

O desenvolvimento da mídia transforma e renova a tradição da sociedade, amplia seus conhecimentos, aprimora valores, expande e consolida o modo de vida.

Turner (1997, p. 69) destaca que “o cinema desempenha uma função cultural, por meio de suas narrativas, que vai além do prazer da história”. O cinema tem o poder de narrar suas histórias de maneira agradável e inconsciente, cumprindo suas funções sociais visivelmente diferentes, do entretenimento, à instrução política, econômica, educacional e religiosa.

As teorias sobre os processos pelos quais o público se identifica com o que vê na tela são relatadas por Turner (1997, p.113) “como análogos às diversas maneiras como os integrantes desse público constroem suas próprias identidades na sociedade”.

Laura Mulvey (1975) e Metz (1982) (apud TURNER, 1997, p.116) compartilham; dizendo que a fascinação do filme “é reforçada por padrões preexistentes de fascinação já em funcionamento dentro do indivíduo e das formações sociais que o moldaram”. Diante do exposto, o cinema exerce influência negativa em indivíduos propensos por uma condição familiar e social favorável e pelas questões ideológicas já existentes.

A questão ideológica dos filmes, muitas vezes oculta, necessita da interpretação do espectador e de suas associações sociais. De acordo com Turner (1997, p. 146) “a ideologia de um filme não assume a forma de declarações ou reflexões diretas sobre a cultura. Ela se encontra na estrutura narrativa e nos discursos usados – imagens, mitos, convenções e estilos visuais”.

A mídia cinematográfica envolve o público porque faz parte da sua prática social. Assistir a um filme produz a sensação de prazer, de identidade cultural e de conhecimento. Turner (1997) ressalta que os prazeres proporcionados pelo cinema somente acontece quando o espectador se familiariza com o que lhe é apresentado.

São prazeres sociais, culturais, dos quais os indivíduos se apropriam para seu próprio uso, mas que de modo algum têm origem em cada indivíduo. São prazeres oferecidos também por outras práticas sociais dentro da cultura popular, e portanto revelam como a prática social do cinema está embutida em *outras* práticas, em outros sistemas de significado. (TURNER, 1997, p.121).

Os efeitos antissociais da violência exposta nos filmes, como aprendizagem de atitudes e comportamentos agressivos, dessensibilização a atitudes violentas e maior insegurança de ser atingido pela violência, não atinge todos os indivíduos com a mesma proporção, ou mesmo, não causam as citadas consequências de maneira

igualitária. O tipo de efeito produzido em cada indivíduo acontece de acordo com a leitura que cada um faz dos fatores textuais e “extratextuais” do filme.

Os significados que cada ser humano atribui aos filmes é produto da leitura que cada um elabora, conforme suas habilidades e competências. De acordo com Thompson (1998) é necessário partir da premissa que os meios de comunicação transmitem informações e conteúdos simbólicos a indivíduos cujas relações com os outros são frequentemente alteradas no meio em que vive.

A linguagem cinematográfica permite à criança e ao adolescente relacionar suas próprias experiências, mesmo que por meios fictícios, à narrativa e aceitar ou recusar a leitura proposta. O significado de um filme não pode ser fixo, como os seus efeitos não podem ser considerados iguais em todos os indivíduos.

O processo do qual o público da arte cinematográfica elabora sua leitura é ativo e mutável. Os espectadores analisam, interpretam e se apropriam dos conteúdos das narrativas, sendo os efeitos positivos ou negativos imprevisíveis. Nesse contexto, estabelecemos a importância da leitura crítica mediada pela família e pela instituição escolar, para que crianças e adolescentes se apropriem dos efeitos positivos do conteúdo fílmico, mesmo que ele traga em seu bojo a questão da violência.

Mediar o conhecimento na era tecnológica em que vivemos é garantir o aprendizado das crianças e adolescentes, seres em formação, de comportamentos sociais adequados e humanizados, além de propiciar condições para que criem as suas próprias mensagens. O filme pode ser utilizado para analisar uma sociedade, pois ele é um produto cultural inserido em um determinado contexto sócio-histórico. Segundo Vanoye (1994, p. 56), “a hipótese diretriz de uma interpretação sócio-histórica é de que um filme sempre “fala” do presente (ou sempre diz algo do presente, do aqui e do agora de seu contexto de produção). O fato de ser um filme histórico ou de ficção científica nada muda no caso. “

A configuração do filme contribui de forma significativa para fixar a história da humanidade. A violência retratada nos filmes faz parte do cotidiano mundial, a ficção se inspira na sociedade. Qualquer que seja a intenção dos produtores do filme, de descrever, de distrair, de criticar ou de denunciar uma realidade social, é o espectador quem realiza suas escolhas, quem seleciona elementos de identificação, simpatia, emoção ou rejeição com relação a um grupo social ou determinada ação.

A educação, como uma das formas de socialização do indivíduo encontra na atualidade, como maior desafio o despertar do interesse, a curiosidade das crianças e dos adolescentes para a construção do conhecimento num mundo globalizado e tecnologicamente avançado.

Para ser propulsor mediador de novas técnicas de aprendizagem dos jovens, o professor precisa saber os problemas que assolam a sociedade, principalmente o da sua clientela, refletindo sobre a própria relação com o saber, com as pessoas, com o poder, com as instituições e com a tecnologia. Conhecer e reconhecer que a violência faz parte do cotidiano da escola e se manifesta de diversas formas, conduz o profissional da educação a buscar novas práticas pedagógicas. A arte cinematográfica, como já foi exposto, auxilia e propaga novas aprendizagens, novas formas de ler o mundo, constitui uma prática social importante que atua na formação crítica e humana do indivíduo.

Segundo Setton (2004, p. 69) “[...] é preciso articular os significados das emissões, desmistificar o caráter real das produções, desnaturalizar as verdades das mensagens, problematizar a construção das representações sociais.”

O filme oferece uma nova cultura por meio de uma linguagem diferente daquela a que o aluno está acostumado, possibilita um novo arquétipo de obtenção e assimilação de conhecimento, uma nova opinião e representação do mundo. O público em geral está exposto à influência deste novo mecanismo socioeducacional, mas as crianças e os adolescentes são os que mais assimilam a cultura da imagem, do texto fragmentado, da montagem e das informações. Esse processo informal educativo invade a formação da identidade dos jovens em processo de escolarização, faz parte do seu cotidiano e necessita da orientação mediada do educador para que a imagem, o texto fragmentado, a montagem e as informações estimulem a reflexão sobre o processo de construção da realidade e sua inserção no contexto social.

Setton (2004, p. 69) afirma que “os produtos da mídia têm a capacidade de transcodificar discursos de uma política dominante e hegemônica ao mesmo tempo em que têm o poder de revelar anseios e conflitos culturais internos de uma sociedade”.

Quando a violência atinge além do físico, o psíquico das crianças e dos adolescentes, alojando-se progressivamente nas instituições escolares, que perdem sua função primordial de educar, torna-se um problema social e cultural emblemático

para o mundo. A violência representada nos filmes funciona como palco de conflitos morais entre o que é apresentado na ficção e a realidade do indivíduo, pois colocam valores em discussão. Setton (2004, P. 50) enfatiza que:

Quanto mais problematizadores, complexos, elaborados e plurais são os modos de apresentação e discussão de guias de valores em narrativas fílmicas, mais esses conteúdos parecem sensibilizar os espectadores e levá-los a colocar em questão valores construídos na relação com outros campos de problematização.

A narrativa fílmica é impregnada de mensagens e linguagens (som, imagens, gêneros ficcionais, etc.) que transportam em seu bojo, sentidos, significados morais, juízos de valor que servem tanto como fonte de informação e referências de comportamento como ferramenta de divulgação de idéias. Diante do exposto, a violência mostrada na ficção cinematográfica é um importante veículo transmissor de representações, discursos e valores sociais que exercem poder sobre os indivíduos e devem ser mediados e questionados com o propósito de produzir reflexão e alteração na percepção do ser humano sobre a realidade social.

Os filmes *Nunca fui beijada* e *Bang, bang! Você morreu*, que serão analisados no próximo capítulo, trazem em suas narrativas, a violência velada, sistemática, cruel e atroz que aterroriza alunos, pais e escolas do mundo, pela sua forma sutil e sorrateira de se instalar, tornando-se epidêmica e causadora de danos educacionais, morais e psíquicos a todos os envolvidos.

Consciente da importância cultural e educativa do cinema a sociedade como um todo e, especificamente, as crianças e adolescentes, o trabalho de análise das imagens dos filmes, citados acima, apresenta para a área da educação, onde o *bullying* mais se manifesta e causa prejuízos para o resto da vida, a possibilidade de ampliar o universo de experiências e conhecimentos enquanto educadores e mediadores dos educandos, propulsando uma educação antiviolença por meio da discussão crítica do comportamento humano e das práticas sociais adequadas de convivência da sociedade.

O *bullying*, essa violência moral que causa danos irreparáveis ao psiquismo, à personalidade, ao caráter e à autoestima do indivíduo, retratado na ficção, será objeto de análise e de trabalho de conscientização, posteriormente, com professores (as) e alunos (as) de uma escola estadual, por meio das imagens em que se destaca

as ações dos agressores e os comportamentos das vítimas e espectadores envolvidos no fenômeno.

CAPITULO 3 – ANÁLISE E APLICAÇÃO DOS FILMES NUNCA FUI BEIJADA E BANG BANG! VOCÊ MORREU

3.1 O FILME NUNCA FUI BEIJADA

Título Original do filme: Never Been Kissed

Primeira exibição: lançamento EUA, 2 de julho de 1999

Realizadores:

Diretor: Raja Gosnell

Produtor: Sandy Isaac e Nancy Junoven

Escritor: Abey Kohn e Marc Silverstein

Roteirista: Abby Kohn e Marc Silverstein

Diretor de Montagem: Debra Chiate e Marcelo Sansevieri

Diretor de Fotografia/Cinegrafista: William Hiney e Alex Nepomniaschy

Autor da música: David Newman

Elenco:

Drew Barrymore (Josie Gellar), protagonista

Michael Vartan (Sam Coulson), professor de literatura da High School, por quem Josie se apaixona.

Molly Shannon (Anita), amiga de trabalho de Josie.

David Arquette (Rob Gellar), irmão da protagonista.

Leelee Sobieski (Aldys), primeira amiga de Josie no colégio High School

Jeremy Jordan (Guy Perkins), o garoto mais popular do colégio High School

Jessica Alba (Kirsten Liosis), garota popular do colégio

Marley Shelton (Kristin Davis), garota popular do colégio

Jordan Ladd (Gibby Zerefski), garota popular do colégio

John C. Reilly (Augustus Strauss), editor-chefe do departamento de jornalismo do jornal Chicago Sun-Times

Garry Marshall (Rigfort), proprietário do jornal Chicago Sun-Times onde Josie trabalha.

Sean Wahlen (Merkin), secretário de Josie no jornal.

Cress Williams (George), controlador do som e da imagem transmitida por uma câmera colocada em Josie, durante investigação no colégio.

Octavia Spencer (Cynthia), colega de trabalho de Josie

Sarah DeVincentis (Rhoda), garota popular do colégio e namorada de Rob, irmão de Josie

James Franco (Jason Way), amigo de Guy, faz parte do grupo popular do colégio, um dos príncipes do baile.

3.1.1 Sinopse do Filme

Nunca fui beijada narra a história de Josie Geller (Drew Barrymore), uma jovem de 25 anos, editora do tablóide do Chicago Sun Times que aspira a um cargo de jornalista. É uma ótima funcionária, mas apresenta comportamento inseguro e baixa autoestima por ser desacreditada pelos colegas de trabalho. Rigfort (Garry Marshall), o proprietário do jornal, determina que Josie se disfarce de estudante do 2º grau (High School) e faça uma matéria investigativa sobre o que acontece no meio estudantil.

Inicialmente, Josie fica animada, pois é a sua chance de conseguir o cargo de jornalista, mas ao se lembrar de como era impopular na sua época de colégio, tanto que era chamada de “Josie nojenta”, fica preocupada sobre como se infiltrará entre os estudantes. Se sua técnica não der certo, além de não alcançar o cargo almejado, provavelmente, será despedida.

O enredo cria ficções escolares, onde a temática tem fundamentos reais, focaliza as idiotices e crueldades que ocorrem nas escolas, onde alunos medíocres

e desumanos se unem para prejudicar os estudantes menos populares, diferentes fisicamente, economicamente, mentalmente e socialmente. Observemos que tais atitudes tidas como brincadeiras próprias da idade, que nos conduzem ao riso, podem trazer consequências graves para o adolescente pelo resto de sua vida.

A protagonista Josie Geller, vítima de *bullying* na adolescência, apesar de competente em seu trabalho, não consegue ter ascensão profissional e pessoal, é uma adulta solitária, que aos 25 anos ainda não conseguiu realizar seus sonhos e fantasias românticas, como a mais simples para uma adolescente: receber o seu primeiro beijo e flutuar como se este fosse o único.

No filme, a personagem regressa ao tempo de colégio, onde podemos verificar e entender por meio de *flashback* de cada cena, os traumas que vão se acumulando na jovem, por ser uma adolescente impopular, feia e gorda, o que vem a gerar comportamento anômalo na vida adulta, tornando-a uma profissional tímida, insegura e medrosa.

3.1.2 Análise das Cenas do Filme Nunca Fui Beijada em que Sobressai o *Bullying*



Figura 1-
Sala de aula do colégio na adolescência de Josie

A cena da figura 1 retrata a primeira lembrança de Josie quando era adolescente. O enquadramento da câmera elaborado em plano² de conjunto³ (PC) abrange uma sala de aula onde os seus colegas de turma a menosprezam, a ridicularizam e a humilham. O fenômeno *bullying* está evidente, um grupo de alunos se une para violentar moralmente um indivíduo, afastá-lo do grupo social, desumanizá-lo. Ser chamado de nojento, desprezível e repugnante cria o estigma, o rótulo de incapacidade de interagir com seus pares, de não ser digno daquele grupo, ações que fatalmente se instalam no subconsciente e atingem a autoestima do ser humano. Esse fato é demonstrado pela protagonista quando, alertada pelo irmão sobre sua época de colégio, resgata de sua memória exclusivamente lembranças desastrosas e dolorosas, que a conduzem ao vômito e à incerteza de ser capaz de realizar a matéria investigativa no colégio.



Figura 2 –
Josie, adulta, em seu apartamento

Na figura 2, Josie trava uma luta íntima para tirar o estigma do passado; precisa acreditar que é capaz de resolver os conflitos da vida adulta. Os traumas da

² Plano tecnicamente corresponde ao fragmento de filme compreendido entre o começo e o fim de uma tomada de câmera feita de uma só vez; do ponto de vista do espectador, o plano constitui a unidade mínima significativa do filme (MARTIN, 2007).

³ Plano de conjunto (PC) abrange partes de grande ambiente: parte da escola, sala de aula, da rua, de praça, etc. As personagens não estão muito longe do espectador (SANTOS SILVA A. M. dos - "Linguagem Cinematográfica". Apostila da disciplina Fundamentos da Linguagem Cinematográfica do Programa de Pós-Graduação em Comunicação. UNIMAR. Marília, 2007)

adolescência interferem drasticamente na sua tomada de posição diante dos problemas profissionais e pessoais. Essa cena enquadrada em plano médio americano⁴ (PMA) destaca-a durante um diálogo com o irmão, em profundo sentimento de dor e angústia, como podemos observar por suas expressões faciais de aflição e amargura e pela fala “não sou mais Josie repugnante!”. Mesmo depois de adulta, representando o papel de uma adolescente, é ridicularizada e considerada diferente pelos alunos populares, e os traumas do passado a deixam insegura, não acreditando em si mesma, em sua capacidade de interagir com o grupo de alunos populares. Como já foi informado, as vítimas do *bullying* frequentemente não dispõem de condições internas, habilidades, recursos, ou *status* para fazer cessar as ações maléficas contra si mesmas.



Figura – 3
Josie na sala de aula com as garotas populares

Josie, disfarçada de adolescente exposta na figura 3 é intimidada por Kirsten, Kristin e Gibby, as garotas mais populares do colégio que obrigam-na a sair da carteira em que se sentou. Essa é uma das ações dos *bullies*, principalmente do sexo feminino, além das estratégias utilizadas de difamações, intrigas e fofocas, intimidam suas vítimas com o objetivo de humilhar e provocar o seu isolamento

⁴ Plano médio americano (PMA) mostra a personagem do busto para cima, normalmente aparecem em diálogos, tende destacar uma personagem, o que não impede que apareçam duas, até três (Idem, ibidem)

social (FANTE, 2005). A cena da sala de aula é apresentada em plano de meio conjunto⁵ (PMC), onde aparecem as quatro personagens. Duas chegam a tocar as margens do quadro fílmico. Essa focalização permite ao espectador, mesmo afastado da imagem, perceber a indignação nas expressões faciais de Josie, que diz: - Eu não sabia que os lugares são marcados. - E não são, responde uma das garotas, sentando-se na carteira para demonstrar poder e autoridade.



Figura – 4
Josie em sua primeira aula

No primeiro dia em que Josie chega disfarçada ao colégio, acontece a sua primeira humilhação: chega atrasada e a professora lhe coloca um grande chapéu mexicano, como podemos visualizar na figura 4. Com essa atitude da professora ela serve de chacota para os alunos. Josie é focalizada em plano médio americano (PMA) e demonstra expressões de vergonha. A escola, depois da família, é considerada o segmento social mais importante para tornar o indivíduo apto a viver em sociedade, ou seja, para torná-lo civilizado. No entanto, o que se pode observar é que muitos professores não assumem práticas de respeito mútuo, fortalecendo e ignorando a violência psicológica que produz traumas para o resto da vida. A professora de Josie favoreceu, nesse contexto social o surgimento de atos de

⁵ Plano de meio conjunto (PMC) apresenta ambientes menores; mostra poucas personagens que chegam a tocar as margens do quadro fílmico (Idem, ibidem)

violência, pois sua atitude garantiu aos alunos o direito à agressão, à humilhação e à intolerância com as diferenças de cada ser humano.



Figura – 5
Um aluno coloca papel higiênico na mochila de Josie



Figura – 6
Depois despeja refrigerante



Figura - 7
A impressão é que Josie fez "xixi" na roupa



Figura – 8
Josie quando adolescente humilhada no corredor do colégio

O conjunto de planos da figura 5 a 8 forma as cenas do corredor do colégio quando Josie era adolescente, demonstra a sequência da humilhação lembrada por Josie quando era colegial. Sua adolescência foi marcada por atitudes desumanas, por ser considerada feia e desajeitada fisicamente. Os planos

aproximados de detalhe⁶ (PD) descrevem as atitudes dos alunos populares para humilhá-la, colocando papel higiênico e refrigerante em sua mochila. Josie vai ao encontro de Billy, o garoto mais popular da sua época de colégio. Ao vê-la ele começa a rir e olhar para o chão. Nesse momento, ela percebe o motivo dos expectadores rirem; a cena dá a impressão de que ela está “fazendo xixi” em pleno corredor. A sequência termina em plano médio americano (PMA) mostrando a personagem do ombro para cima mortificada pela situação.



Figura - 9
Cenas do corredor da High School -
Os alunos apontam e riem de Josie sem ela saber o motivo

As cenas do corredor do colégio High School demonstradas na figura 9 focalizadas em planos médios, estabelece a sequência da ridicularização.

Após uma festa, da qual Josie acreditava ter se tornado parte dos populares é ridicularizada ao chegar no corredor do colégio, apontada por todos os alunos. É alvo de gozação pois traz na testa a marca do carimbo da festa, escrito “fracassada”. Corre desesperada pelo corredor de entrada do Ateneu até o banheiro, ao perceber os risos, os apontamentos e os escárnios, dos quais ela mesma não sabe o motivo. Ao olhar no espelho e ver a marca do carimbo, se sente ridícula diante de tal

⁶ Plano aproximado de detalhe (PD) apresenta as personagens o mais próximo possível aos olhos do espectador; mostra parte do corpo do personagem que não seja o rosto, bem destacadamente, ou, principalmente, objetos pequenos, partes de objeto, etc. (SANTOS SILVA A. M. dos - “Linguagem Cinematográfica”. Apostila da disciplina Fundamentos da Linguagem Cinematográfica do Programa de Pós-Graduação em Comunicação. UNIMAR. Marília, 2007)

situação, arranca com raiva e desespero o escrito em sua testa, vomita e se isola, dando-nos a impressão de um misto de culpa, vergonha e aviltamento. Expor as vítima do *bullying* ao ridículo está entre o rol de estratégias seja dos agressores, atentos aos detalhes desse indivíduo, ou mesmo dos espectadores, que se divertem legitimando a violência que destrói a autoestima do ser humano.



Figura – 10
Josie, humilhada no banheiro da High School

Esse conjunto de planos da figura 10, marcado por movimentos lentos, configura as cenas do banheiro e determina a sequência da impotência. Josie é novamente alvo de agressão e humilhação pelos alunos do colégio.

Os *bullies* usam da crueldade proposital para desumanizar uma pessoa e tirar-lhe o anseio de viver. O ser humano dá razão à vida mediante valores que lhe são atribuídos, sensação de estima, de amparo, de reconhecimento, de pertencimento que chegam por meio de olhares, de falas, de atitudes. Mensagens totalmente opostas a essas humilham o indivíduo a ponto de desumanizá-lo.

O ângulo de tomada da câmera dos planos da figura acima começa em *plongée*⁷, e a sensação do espectador sobre a imagem de Josie vista de cima para baixo é de inferioridade, fraqueza, incapacidade para resolver o problema instalado

⁷ Um dos ângulos adotado pela câmera: o eixo ótico da objetiva parece inclinado; a câmera “olha” (nós olhamos) para baixo (SANTOS SILVA, A. M. dos - “Linguagem Cinematográfica”. Apostila da disciplina Fundamentos da Linguagem Cinematográfica do Programa de Pós-Graduação em Comunicação. UNIMAR. Marília, 2007)

e seus conflitos internos já concebidos. O enquadramento da câmera em plano médio americano (PMA) mostrando Josie com as mãos no rosto em sinal de vergonha, angústia e submersa em suas lembranças do passado que serão retratadas em *flashback*, encerra a cena do banheiro. A imagem do rosto de Josie se dissolve em branco, passando para a cor rosa do seu vestido usado no baile, em sua adolescência.



Figura – 11

Josie na sua adolescência pronta para o baile esperando por Billy, o garoto mais popular do colégio



Figura – 12

Josie na porta da casa de seus pais acenando para Billy



Figura – 13

Billy chega acompanhado de outra garota e arremessa ovos em Josie



Figura – 14

Josie cai de joelhos, chora e sai correndo quando ouve a voz de sua mãe

Da figura 11 a 14 são retratadas as cenas da casa dos pais de Josie que espera por Billy para ir ao baile. Convidada pelo garoto mais popular do colégio em

sua adolescência para ir ao baile, Josie sofre o maior dos seus traumas. Vítima de todo tipo de agressão física e psicológica no colégio, vê seu sonho se transformar em um grande pesadelo, que a acompanhará pelo resto da vida. A insegurança e o medo de novas humilhações acompanham a vida das vítimas de *bullying* dia a dia, como podemos observar na literatura, na ficção e na vida real. Seu príncipe aparece com outra garota e lhe arremessa ovos, agredindo-a física e psicologicamente. O príncipe transforma-se em sapo e a possível Cinderela em abóbora.

Focalizada em planos médios as cenas da casa dos pais de Josie descreve a sequência que mostra a passagem do estado de alegria e felicidade da protagonista ao estado de desespero, dor, tristeza e trauma.

Após a agressão sofrida, Josie sai correndo ao ouvir a voz de sua mãe e se isola; essa é uma das características das vítimas de *bullying*: não pedem ajuda, sentem vergonha e acreditam merecer as agressões pela baixa autoestima instalada em seu subconsciente. Sofrem em silêncio os efeitos dos atos cruéis, prolongando a dor, a angústia e os traumas.



Figura – 15
Josie interagindo com o grupo dos populares

Josie é aceita pelo grupo dos populares do colégio, como podemos observar pela figura 15, com o auxílio de seu irmão, Rob, que sempre foi popular quando era adolescente e volta ao Colégio High School forjando ser estudante para ajudá-la. Rob comenta com os alunos populares que Josie é uma garota atraente, rica e despojada para a vida, criando na imaginação dos adolescentes uma nova Josie.

Da mesma maneira que o ser humano tem o poder de modificar positivamente o pensamento sobre um indivíduo, os agressores que praticam o *bullying* podem influenciar negativamente um grupo de indivíduos, proferindo difamações e apelidos depreciativos em relação à vítima.

A cena do corredor do colégio é apresentada em plano de meio conjunto (PMC), as personagens de mãos dadas em sinal de amizade e interação tocam as margens do quadro fílmico. Josie, após ser aceita pelo grupo dos populares, melhora sua autoestima e a confiança em si - própria.



Figura – 16
Grupo dos populares, no dia do baile da High School se preparando para humilhar mais uma vítima

No baile como podemos verificar na figura 16, com a aceitação de Josie no grupo dos populares, outra vítima é escolhida para ser humilhada. Os *bullies* são perversos, trazem consigo registros de famílias desajustadas, violentas, omissas, onde o afeto é escasso e o respeito esquecido: reproduz no contexto social, escolar ou de amizade ações tiranas que, muitas vezes, sofreram em casa. A ação dos agressores aniquila suas vítimas, mas não cessa, escolhem rapidamente outra vítima, pois precisam manter o poder e o prazer de ver seu próximo sofrer.

Essa imagem, da cena do baile focalizada em primeiro plano⁸ (PP) mostra o grupo dos populares se preparando para jogar ração de cachorro sobre a nova vítima, Aldys, a primeira amiga de Josie na High School.

Os agressores pretendem ridicularizá-la diante do público que se diverte. São impedidos por Josie que percebe os movimentos da ação, bate a mão na lata e acaba espalhando a ração nas garotas populares.



Figura – 17
Aldys sendo elogiada por Josie

Na imagem da figura 17 Josie revela sua real identidade e critica atos tão cruéis e desumanos de pessoas frias e hipócritas que dão importância a coisas fúteis e desnecessárias para uma vida em sociedade. A editora do Chicago Sam Times de 25 anos fala da amizade de sua primeira amiga, Aldys, sem interesse, desprovida de preconceitos, de sua inteligência e de seus comportamentos diferentes, que fazem parte de sua personalidade e das diferenças de cada ser humano. Aldys focalizada em plano americano⁹ (PA), com a análise de Josie, muda sua fisionomia de angústia, surpresa e vergonha para um semblante de satisfação.

⁸ Primeiro plano (PP) apresenta as personagens o mais próximo possível dos olhos do espectador. Mostra só o rosto das personagens no quadro fílmico (SANTOS SILVA, A. M. dos - “Linguagem Cinematográfica”. Apostila da disciplina Fundamentos da Linguagem Cinematográfica do Programa de Pós-Graduação em Comunicação.)

⁹ Plano americano (PA) faz parte do grupo dos planos médios, destaca a personagem dos joelhos para cima e aparece predominantemente em diálogos (Idem, ibidem)

A mensagem de Josie suscita novos comportamentos, mostra que todo indivíduo deve ser aceito e viver em sociedade sem medo de ser diferente. A diversidade humana tem que ser vista e respeitada. Os registros traumáticos instalados na mente dos indivíduos podem estar ligados ao sentimento de rejeição, exclusão ou situações constrangedoras, principalmente do grupo social.

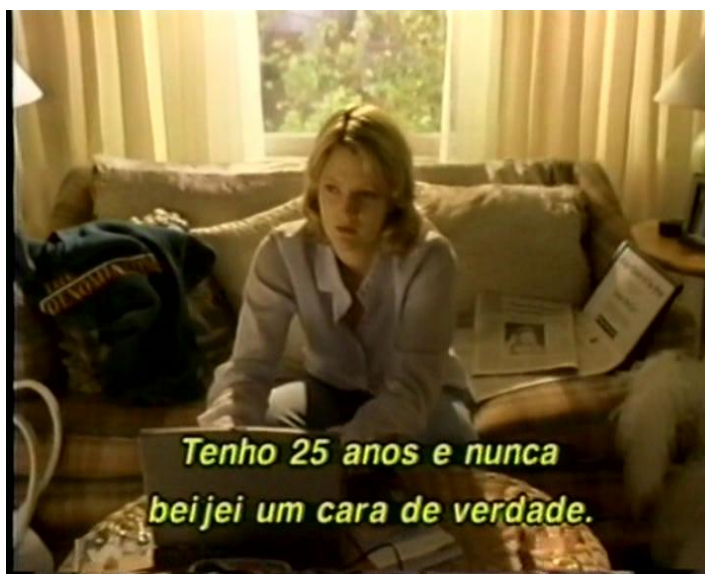


Figura – 18
Josie escrevendo sua própria história para o jornal

A figura 18 mostra Josie em plano americano (PA) na cena de seu apartamento escrevendo sua própria história para o artigo do jornal. Enquanto Josie escreve ela conversa com o espectador, narra sobre sua impopularidade quando era adolescente, dos garotos e garotas populares, do seu maior trauma que aconteceu com a mentira do convite para o baile, onde Billy acompanhado por outra garota lhe arremessa ovos. Fala também, dos professores, muitas vezes e sem saber parceiros da violência moral e de sua mudança de comportamento, de sua postura forte e decidida em superar os traumas do passado e conquistar seu primeiro e verdadeiro amor, o professor de literatura. Para concretizar sua segunda chance de vida lança seu grande desafio: esperar por cinco minutos o professor de literatura, antes do jogo de beisebol, para receber o seu primeiro e verdadeiro beijo.

O professor de literatura vem ao encontro de Josie no campo de beisebol repleto de espectadores e beija-a. Josie venceu seus medos, seus traumas, fortaleceu sua autoestima e conquistou sua segunda chance de amar e ser amada.

As vítimas do *bullying*, na vida real, muitas vezes não têm uma segunda chance devido à desinformação e falta de ação de todos os envolvidos, da família, da escola e da sociedade como um todo, fazendo com que os traumas se tornem irreversíveis. Tornam-se adultos inseguros, solitários, submissos e de difícil relacionamento pela baixa autoestima. Não pretendemos generalizar afirmando que todas as vítimas do fenômeno sofrerão igualmente ou serão protagonistas de tragédias ou suicídio, mas alertar para a gravidade do problema que desencadeia transtornos psíquicos e que pode se transformar em tragédia social.

3.2 O FILME BANG BANG! VOCÊ MORREU

Título Original do filme: Bang Bang You're Dead

Primeira exibição: lançamento EUA, Canadá/ 2002

Realizadores:

Diretor: Guy Ferland

Produtor: Paul Hellerman / Deborah Gabler

Escritor: William Mastrosimone

Diretor de Montagem: Jill Scott

Diretor de Fotografia/Cinegrafista: Robert Aschmann /Micahel Wale

Autor da música: Johnny Klimek & Reinhold Heil

Elenco:

Ben Foster (Trevor Adams), protagonista

Tom Cavanaugh (Mr. Duncan), professor de cinema e teatro do colégio "Rivervale High School"

Jane McGregor (Jenny Dahlquist), amiga e paquera de Trevor Adams

Randy Harrison (Sean), lider do grupo dos *troggs* (trogloditas)

Janel Moloney (Ellie Milford), professora do colégio “Rivervale High School” e amiga de Mr. Duncan

David Paetkau (Brad Lynch), jogador de futebol, agressor

Eric Johnson (Mark Kenworth), jogador de futebol, agressor

Ryan McDonald (Vanderhoff), agressor do colégio, escolhe os garotos de estrutura física menor para exercer seu poder

Kristian Ayre (Kurt), integrante do grupo dos *trogs*

Brent Glenen (Zach), integrante do grupo dos *trogs*

Gillian Barber (Principal Meyer), diretora do colégio “Rivervale High School”

Eric Keenleyside (Bob Adams), pai do protagonista, Trevor

Glynis Davies (Karen Adams), mãe do protagonista, Trevor

Garry Chalk (Chief Bud McGee), delegado de polícia

3.2.1 Sinopse do Filme

Bang, bang! Você morreu é baseado na peça de teatro de William Mastrosimone, *Bang, bang! You're Dead*, de 1999. O objetivo principal da peça é denunciar e combater a violência física e psicológica nas escolas.

O filme narra a história de Trevor Adams (Bem Foster), um excelente aluno do colégio “*Rivervale High School*” que, após constantes humilhações por parte dos jogadores do time de futebol, ameaçou explodir o prédio da escola durante o período de aula. De vítima passou a agressor. Sua atitude em busca de paz trouxe-lhe incompreensão e desconfiança de todo o grupo escolar. Mesmo a bomba sendo de mentira, professores, colegas de turma e administração escolar ignoram o pedido de socorro de Trevor em relação às agressões que sofria e transformam-no em vilão.

O professor de teatro e cinema do colégio Mr. Duncan (Tom Cavanagh) preocupado com a crescente violência na escola, e sensível à situação vivida por Trevor, convida-o para ser o ator principal da peça que dá nome ao filme *Bang, bang! Você morreu*, ao lado de Jenny Dahlquist (Jane McGregor), a garota que será sua grande amiga.

O objetivo do professor Mr. Duncan com a encenação da peça é fazer com que Trevor analise sua situação de vítima de *bullying* e as consequências de agir motivado pela vingança. Mas a peça é mal compreendida por pais e professores

devido ao passado de Trevor; acreditam que sua execução pode estimular a violência e ela acaba sendo censurada pela direção da escola.

A ficção nos leva a refletir sobre uma realidade fria e cruel dos adolescentes em período escolar: estudantes agredidos brutalmente diante de uma platéia inerte à dor do próximo. Trevor após ser agredido muitas vezes e discriminado por aqueles que deviam acolhê-lo, vem para o colégio munido por uma câmera e registra as atrocidades desse mundo escolar dominado pelos *bullies*, que muitos desconhecem. A peça de Mr. Duncan, o professor, tem segmento com bastante contratempo fora do espaço escolar, sua encenação acontece no final do filme e os vídeos de Trevor, no desenrolar do enredo, será a prova da sua dor e da dor dos colegas, vítimas do *bullying*.

3.2.2 Análise das Cenas do Filme *Bang, Bang! Você Morreu em que Sobressai o Bullying*



Figura – 19
Trevor agredido no corredor do colégio

Nas cenas do corredor do colégio “*Rivervale High School*” da figura 19 os agressores são focalizados em plano de meio conjunto¹⁰ (PMC) e Trevor em plano

¹⁰ Plano de meio conjunto (PMC) apresenta ambientes menores; mostra poucas personagens que chegam a tocar as margens do quadro fílmico (SANTOS SILVA, A. M. dos - “Linguagem Cinematográfica”. Apostila da disciplina Fundamentos da Linguagem Cinematográfica do Programa de Pós-Graduação em Comunicação. UNIMAR. Marília, 2007)

de detalhe¹¹ (PD), planos que caracterizam a sequência da agressão dos jogadores de futebol do colégio contra Trevor.

Os jogadores de futebol caminham pelo corredor do colégio em direção a Trevor que se encontra parado em frente ao seu armário com a porta entreaberta. Sem motivo aparente um dos *bullies* abre o restante da porta do armário com força, cospe dentro do armário e, para finalizar, empurra Trevor com violência contra o próprio armário. Trevor é agredido em sua integridade moral e física. A agressão acontece rapidamente, e os que presenciam a ação, agem com naturalidade como se nada tivesse acontecendo. Os espectadores, alunos que assistem a agressão, adotam a lei do silêncio, temem se transformar em novo alvo para o agressor.



Figura – 20
Os agressores elegem mais uma vítima

O corredor do colégio, demonstrado na figura 20, novamente é palco do *bullying*. Estudos sobre o fenômeno relatam que os agressores escolhem lugares onde podem agir sem ser repreendidos, apesar de gostarem de platéia para demonstrar seu poder. Não suportam o confronto direto quando são censurados por suas ações. Escolhem áreas da escola com pouca supervisão; é uma das

¹¹ Plano de detalhe (PD) está no grupo dos planos aproximados, apresenta as personagens o mais próximo possível aos olhos do espectador; mostra parte do corpo da personagem que não seja o rosto, bem destacadamente, ou, principalmente, objetos pequenos, partes de objeto, etc (Idem, ibidem)

estratégias do agressor que contribui para que a vítima seja desacreditada se, por ventura, vier a denunciar os maus tratos.

Essa cena do corredor, focada em plano americano¹² (PA) retrata a sequência da intimidação. A vítima fisicamente menor que o agressor é obrigada a cantar *jingle bells* toda vez que o vê. O agressor escolhe suas vítimas por serem franzinas e tímidas e as obrigam por meio de ameaças a cumprir ações, como nesse caso cantar, expondo-lhes ao ridículo. A vítima sofre violência psicológica e física; após cantar *jingle bells* leva uns tapas na testa desferidos pelo agressor. A violência física consolida o poder do agressor sobre a vítima. No decorrer do enredo, ao encontrar com o agressor, essa vítima é exibida cantando *jingle bells* diante de todos os alunos do colégio. Suas expressões são de dor, humilhação, constrangimento e vergonha. Enquanto isso o agressor se deleita com a dor provocada.



Figura – 21

Zach, um dos integrantes do grupo dos *trogs* agredido pelos jogadores de futebol

A figura 21 mostra as cenas do banheiro do colégio focalizadas em plano de meio conjunto (PMC) que descreve a sequência da violência dos jogadores de futebol contra um dos integrantes do grupo dos *trogs*. Zach é pego à força e agredido covardemente por dois integrantes do grupo dos *jocks*; é lançado no latão de lixo do banheiro para que se sinta como um objeto sujo e sem serventia. A intenção é criar o estigma de um sujeito nojento e execrável. Os agressores se

¹² Plano americano (PA) faz parte do grupo dos planos médios, destaca a personagem dos joelhos para cima e aparece predominantemente em diálogos (Idem, ibidem)

divertem com a humilhação provocada, os risos são de satisfação e glória por dominar sua vítima.

A vítima aniquilada e marginalizada pela tortura e zombaria sofrida interioriza silenciosamente a angústia e a humilhação que se traduzem em ódio, desejo de destruição dos agressores e de si – próprio.

Os *trogs*, em represália à ação dos agressores dão início a uma guerra de poder por meio de atitudes violentas e aterrorizantes. Atitudes que afetam todos que participam desse contexto escolar e social, o medo e a insegurança extrapolam o muro da escola e invadem a casa de cada membro da sociedade.



Figura – 22
Jocks contra trogs

Na cena do refeitório da figura 22 os personagens são focalizados em plano americano (PA), a imagem exhibe a sequência da provocação, em um diálogo hostil e agressivo; o grupo dos *jocks* declara guerra contra os *trogs*. Trevor, adotado pelos *trogs*, nessa cena integra o grupo dos expectadores e participa das agressões verbais como se higienizasse suas angústias, dores e sofrimentos.

O grupo dos *trogs* formado por alunos de famílias desajustadas, descritas no desenrolar da trama, e considerados como animais pelos alunos populares tornam-se solidários à dor de Trevor e adotam comportamentos agressivos e desviantes que podem disseminar e alimentar cada vez mais o fenômeno *bullying*.

A cena retrata que muitas vítimas buscam sua dignidade perdida fazendo justiça com as próprias mãos; a violência cresce de maneira epidêmica. Agredidos se tornam agressores, as ameaças verbais culminam em agressões físicas, ações que legitimam o círculo vicioso e crescente da violência, prejudicando, paulatinamente, não só os envolvidos diretamente no problema, mas toda a comunidade estudantil e social que convive nesse cenário e que se sentem incomodados pela insegurança e o medo.



Figura – 23
Trevor agredido verbalmente por Brad

Na imagem da figura 23 Trevor é insultado pelo nome de “terrorista” e “lixreira” por Brad ao sair da sala de ensaio da peça de teatro. O agressor assume postura de valentão e dono do poder. Por ser um dos jogadores de futebol, impõe sua suposta autoridade diante de uma pequena platéia que espera atentamente pela desmoralização de Trevor. A platéia que gravita ao redor do líder também é considerada agressora, partilhando da satisfação de poder quando as vítimas são desumanizadas. A imagem focalizada em plano de meio conjunto (PMC) descreve a postura perversa do agressor ao contrário da tristeza da vítima, com ombros arqueados, de cabeça baixa e semblante triste, por mais um ataque de desmoralização.

Brad exerce o *bullying* direto, proeminente nos agressores do sexo masculino, por meio de xingamentos e apelidos ofensivos descaracterizando a vítima, tirando sua identidade, o nome.



Figura – 24
Mais um *trogs* é agredido

A guerra continua, os *jocks* como mostra a figura 24, colocam um dos integrantes do grupo dos *trogs* dentro do armário. Violentemente a vítima é trancada como legitimação de poder e autoritarismo. Esse contexto escolar propicia o ciclo vicioso da violência, os *jocks*, considerados o orgulho do colégio por serem jogadores de futebol, mascaram a crueldade que exercem sobre as vítimas. A fama, o prestígio e a falta de punição dos agressores pelo *status* adquirido nesse contexto alimenta e prolifera o fenômeno da violência.

A imagem retrata a sequência da agonia, um dos *trogs* é focalizado somente com o rosto fora do armário com um misto de dor, de angústia e de aflição. Os agressores agem em grupo, com o qual dividem a responsabilidade e por quem se sentem apoiados e fortalecidos. Cometem suas atrocidades como se fossem brincadeiras aceitáveis e válidas do contexto educacional que vivenciam. O grupo dos *jocks* demarca o espaço e demonstram seu poder, intimidando, humilhando sua vítima; é de costume os jogadores serem os valentões, donos da verdade. A violência vira hábito, essa rotina de autoafirmação viola os direitos dos outros, tornando-os desumanizados e vingativos.

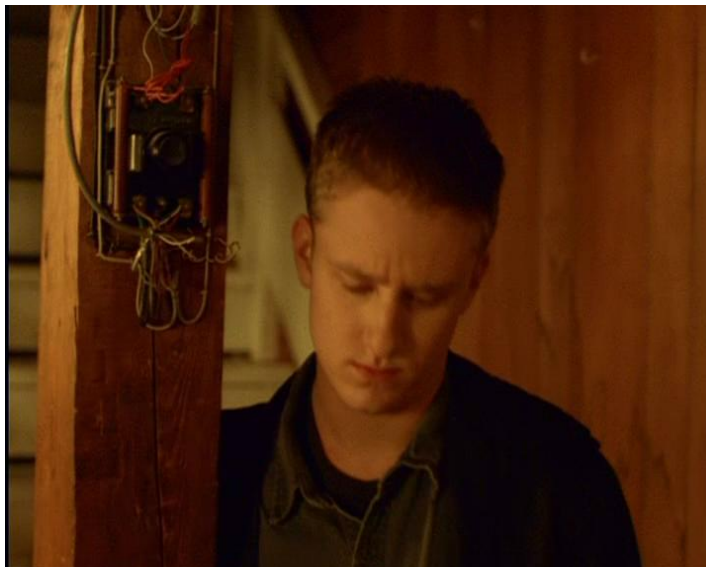


Figura – 25
Trevor no sótão de sua casa

Na figura 25 a imagem de Trevor focalizado em plano médio americano¹³, parado no pilar do sótão ouvindo a discussão dos pais a seu respeito, nos remete a uma tensão mental e psicológica de incompreensão da família pelas suas atitudes violentas no colégio, que repercutiu socialmente. O pai autoritário e insensível à dor do filho critica suas atitudes dentro do colégio e fora dele; frustrado por ser um simples tintureiro, transfere para o filho suas angústias e seus traumas; busca resolver os problemas e os conflitos no grito, na discussão; o diálogo nunca está presente no contexto familiar. A mãe, submissa ao marido, não consegue atingir o íntimo de seu filho, suas inquietações, seus traumas, suas dores e seu isolamento até mesmo dentro de casa.

O perfil familiar contribui tanto no comportamento dos agressores como das vítimas do *bullying*. As vítimas são pouco sociáveis, inseguras, retraídas e de baixa autoestima, acreditam que são merecedoras das injustiças sofridas, se calam, se isolam, não pedem auxílio, pois têm medo de retaliação. As vítimas do *bullying* se

¹³ Plano médio americano (PMA) mostra a personagem do busto para cima, tende destacar uma personagem, o que não impede que apareçam duas, até três (SANTOS SILVA, A. M. dos - "Linguagem Cinematográfica". Apostila da disciplina Fundamentos da Linguagem Cinematográfica do Programa de Pós-Graduação em Comunicação. UNIMAR. Marília, 2007)

sentem sozinhas e desamparadas, são conduzidas, muitas vezes, a caminhos sem volta, más companhias, sentimentos de vingança e suicídio.



Figura – 26
Sean, líder dos *trogs*, agredido e humilhado
no banheiro do colégio

A cena do banheiro elaborada em primeiro plano¹⁴ (PP) como podemos visualizar na figura 26 focaliza Sean sendo violentado em sua integridade física e moral. Os *jocks* atacam novamente os *trogs*. Sean é lançado várias vezes no vaso do banheiro com urina. Quando a tortura termina, o líder dos *trogs* tem sua face queimada e sua dignidade roubada, suas expressões são de indignação, dor e revolta. Essa atitude dos *jocks* desencadeia o sentimento de vingança nos *trogs*; a guerra de nervos, de provocações, de humilhações e agressões físicas deixarão de existir. Os *trogs*, aliados a Trevor que filmará o ocorrido, planejam minuciosamente, entrar no refeitório do colégio, na hora do lanche, e assassinar todos, encerrando com suicídio coletivo.

A violência sistemática, que “violenta a alma” (CHALITA, 2008, p.87), desencadeia na mente de suas vítimas, como relata a literatura, e é retratada na ficção pensamentos de vingança e suicídio. A vítima do *bullying* busca por sua

¹⁴ Primeiro plano (PP) faz parte dos planos aproximados, destaca o rosto da personagem no quadro fílmico (Idem, ibidem)

identidade perdida, sua dignidade roubada planejando meticulosamente as tragédias, que têm por objetivo acabar com a dor, a angústia e alertar a sociedade da crueldade arraigada em alguns seres humanos que, sorrateiramente desumanizam suas vítimas pelo simples prazer de ver a dor do outro.

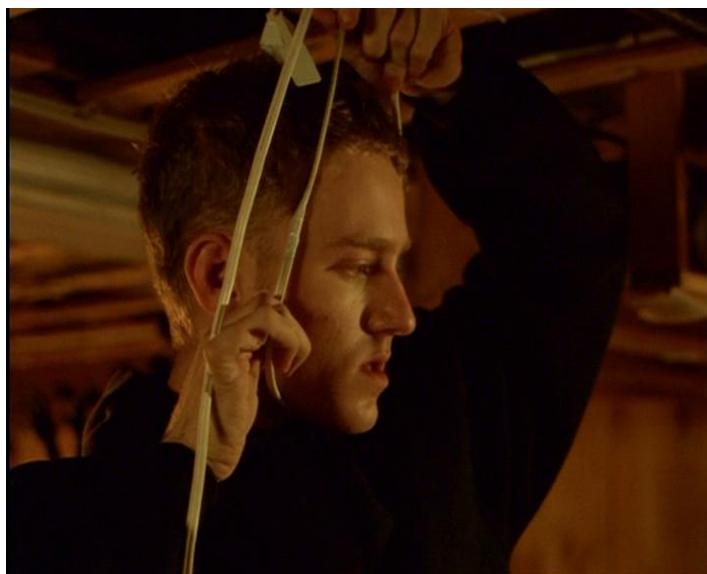


Figura – 27
Trevor tenta o suicídio

A figura 27 retrata Trevor abalado psicologicamente após várias tentativas de reintegração no contexto escolar e familiar, desesperado só encontra um meio para resolver todos os seus problemas, tirar a própria vida com a intenção de acabar com o próprio sofrimento e harmonizar o lar. Na escola é discriminado e excluído pelos pares. Pela administração é visto como uma ameaça constante e alvo de desconfiança e acusações por todos os atos violentos que acontecem na instituição. Na família, a intolerância do pai que acusa a mãe pelas atitudes do filho, impossibilita o diálogo e a compreensão do sofrimento e da baixa autoestima alojadas na psique de Trevor, conduzindo-o ao suicídio.

A imagem retrata Trevor em primeiro plano (PP) em seu quarto, mergulhado em seus pensamentos e lembranças das humilhações sofridas e incompreendidas. Sua fisionomia nos remete a crer que ele não tem mais como sair desse labirinto de mágoas.

A sequência de imagens abaixo foram filmadas e editadas pelo próprio Trevor no decorrer do filme e retrata a dor, o sentimento de solidão, angústia e revolta das vítimas do *bullying*. As legendas com as falas de Trevor comprovam como uma simples brincadeira se transforma em atos desumanos que atingem a autoestima e a paz do ser humano. A vítima do *bullying* está sempre esperando o próximo ataque, os apelidos depreciativos, as agressões físicas, que acontecem diariamente e que despertam as piores emoções, o medo, a vergonha e a certeza da impunidade de seus agressores, conduzem-na a fazer a própria justiça em legítima defesa.



Figura – 28

Trevor relata o que sente as vítimas de *bullying* diante das agressões

“Um empurrãozinho diante de outros garotos é algo muito relevante, especialmente quando você sabe que vai acontecer todo dia, todo dia, todo dia”.



Figura – 29

As vítimas de *bullying*, como narra Trevor estão sempre à espera de uma nova agressão

“Você fica quase aliviado quando acontece. Fica sempre esperando o próximo ataque.” “E aí lixeira? Já atingiu a puberdade?”



Figura – 30

Trevor é novamente agredido e descreve seus pensamentos

“Faz o cara lambe. Lambe!” “Não sabem do que sou capaz. Não sabem o que sei fazer. Você precisa ser homem. Seja homem! Seja homem!”



Figura - 31
Relatos de dor e agressões verbais que ferem mais do que agressão física

“Às vezes, você só quer, só quer chorar. Nem precisam de uma arma para ferir você. Usam palavras, risadas. Você parece uma lixeira;”



Figura - 32
Trevor, fala da importância do nome e da necessidade da vítima de vingança em busca de paz

“O nome faz algo com você, muda o seu ser, altera as moléculas... Você entende o que precisa fazer: reaver seu nome. Uma arma uma bomba justiça instantânea.”



Figura – 33

Trevor justifica seu comportamento trágico e suicida, denunciando a falta de compreensão de todos diante de seu sofrimento

“Mas, talvez, depois de ver os meus vídeos, não me julgarão tão rápido”.

As cenas da figura 28 à figura 33 retratam a sequência da agonia vivida por Trevor e por todas as vítimas do *bullying*. As cenas focalizadas em primeiro plano (PP) e em plano americano (PA) sintetizam as ações dos agressores e o sentimento de impotência das vítimas que possuem arquivadas em sua memória registros negativos que alteram sua personalidade e sua relação com o mundo. Os conflitos intrapsíquicos registrados na memória de Trevor decorrentes dos atos desumanos dos agressores contaminaram seu *eu* tornando-o refém de sentimentos de incapacidade e baixa autoestima que o conduziram a pensamentos autodestrutivos de vingança e suicídio. As vítimas do *bullying* buscam por sua identidade e por sua dignidade aniquilada na trajetória da vida.

Casos de *bullying* como os de Josie e Trevor retratados na ficção e de outros seres humanos descritos na literatura são encontrados todos os dias em nossas escolas.

O medo, a vergonha das crianças e dos adolescentes, bem como a falta de conhecimento e de habilidade dos profissionais para lidar com o fenômeno contribuem para que o problema se torne epidêmico, atingindo os núcleos escolares, públicos, privados, independente das séries ou nível social.

Verificado o fenômeno *bullying* nas análises das imagens dos filmes *Nunca fui beijada* e *Bang, bang! Você morreu* e consciente da ação benéfica da arte cinematográfica como prática social aceita pelas crianças e adolescentes, bem como sua contribuição para a formação crítica do ser humano, os filmes citados acima, serão mecanismos de divulgação do fenômeno e disseminação de novos conhecimentos e comportamentos antiviência na pesquisa realizada com os profissionais da educação e alunos de uma escola estadual da cidade de Marília.

3.3 APLICAÇÃO DOS FILMES NUNCA FUI BEIJADA E BANG BANG! VOCÊ MORREU NO CONTEXTO ESCOLAR

A escola acompanha a história da humanidade, onde a violência se torna cada vez mais presente em todos os segmentos sociais. É na escola que acontece o maior desafio do ser humano: aprender a se relacionar com as diferenças individuais e respeitar regras para uma boa convivência social. O grande dilema em conviver pacificamente com seus semelhantes respeitando regras e desenvolvendo habilidades tolerantes e humanitárias encontra-se na falta dessas aquisições na primeira infância ou mesmo nas práticas estabelecidas nas instituições escolares. A questão é que independente de um problema ou outro; a violência encontra-se instalada e se prolifera rapidamente.

È necessário e urgente ações antiviência que auxiliem os professores na árdua tarefa de educar. A arte cinematográfica utilizada no espaço educativo como prática social, pode contribuir para a formação crítica do ser humano. Os filmes *Nunca fui beijada* e *Bang, bang! Você morreu* foram objetos propulsores de novas aprendizagens como poderemos verificar na descrição de um relato de experiência desenvolvida pela participação ativa dos professores e alunos, via Metodologia da Pesquisa Participante.

O fenômeno *bullying*, explorado nesse trabalho científico foi objeto de investigação por meio da pesquisa participante realizada em uma escola estadual da cidade de Marília com objetivo de diagnosticar sua incidência na instituição escolar e contribuir, na prática, para a transformação social consciente de que essa forma de violência causa danos a todos os envolvidos: vítimas, agressores, expectadores,

famílias, escolas e a sociedade em geral onde os indivíduos exercem seu papel de cidadão. A mídia cinematográfica é utilizada na pesquisa como meio de comunicação capaz de proporcionar uma identificação do espectador com a situação apresentada; o *bullying* e as agressões vivenciadas no cotidiano escolar.

A pesquisa participante no contexto escolar surge como alternativa de investigação, majoritariamente dos escolares, visando à sua inclusão social como atores do processo de conhecimento, bem como beneficiários dos resultados encontrados. O pesquisador inserido no ambiente onde o fenômeno se manifesta, ocupa o papel de observador e agenciador de ações que visem à conscientização e transformação de atitudes da equipe gestora, docente e discente.

A Unidade Escolar atende quinhentos e oitenta e cinco alunos nos três períodos de funcionamento, Ensino Fundamental Ciclo II, Ensino Médio, EJA (Ensino de Jovens e Adultos) e o SAPE, formado por duas Salas de Recursos.

Segundo Cicilia Maria Krohling Peruzzo (apud DUARTE, 2005, p.126) a pesquisa participante envolve diferentes modalidades: observação participante e a pesquisa participante propriamente dita e consiste na inserção do pesquisador no ambiente natural de ocorrência do fenômeno e de sua interação com a situação investigada.

Com base nos procedimentos metodológicos de Peruzzo e com objetivo de englobar as modalidades apresentadas trilhamos as seguintes etapas:

- aproximação constante do observador no ambiente investigado, com a finalidade de “ver as coisas de dentro” (PERUZZO apud DUARTE, 2005, p. 126);
- participação do pesquisador no grupo dos professores envolvidos com as atividades dos estudantes e no contexto que está sendo estudado, de modo consistente e sistematizado, ou seja, co-vivenciar “interesses e fatos”;
- compartilhamento do objetivo da pesquisa com levantamento de dados por meio de questionários primeiramente com os professores, para delimitação das séries que participaram da investigação e das ações antiviolença;
- participação do público alvo na análise das imagens dos filmes como metodologia de aprendizagem coletiva, em relação à mudança de postura;
- coleta de dados, por meio de questionário, de atitudes visualizadas nos filmes e vivenciadas pelos alunos que devem ser modificadas socialmente com o objetivo de transformar o ambiente escolar.

Para o desenvolvimento deste processo, com a metodologia exposta, o primeiro grupo formado foi o da equipe de educadores, coordenadores e diretores da Escola Estadual. Constatei, após meses de observação direta com os alunos no pátio do colégio e diálogos com os professores, a necessidade de, primeiramente, discorrer sobre o fenômeno *bullying* para os profissionais da educação, pois a queixa da violência partia da premissa de que a agressão física acontecia depois de repetidas agressões verbais.

Após exposição sobre o fenômeno *bullying* aos professores, coordenadores e gestores da Unidade Escolar, em reunião pedagógica, os mesmos associaram a temática imediatamente ao seu cotidiano escolar. Visualizaram seus alunos, suas famílias, seus comportamentos e as consequências diárias e futuras tanto para o agressor como para a vítima. Diagnosticamos que os professores já tinham ouvido falar sobre o termo *bullying*, mas não haviam assimilado quase nada sobre suas causas, consequências e sua proliferação.

Em questionário apresentado aos professores a série em que mais o fenômeno se evidencia são as sétimas do Ensino Fundamental. Com uma média de trinta alunos por classe, 15% são classificados como agressores, 10% são vítimas e 75% são expectadores em cada turma. Os meninos são apontados como os maiores agressores e vítimas, as meninas assumem o papel de agressor quando estão em grupo. As táticas mais utilizadas pelo agressor são as agressões verbais depreciando suas vítimas devido à cor, tipo de cabelo, característica física e condição econômica, seguidos de intimidação, chantagem, pequenos furtos de pertences pessoais e agressões físicas como tapas na cabeça e rasteiras. Os agressores se utilizam da violência para impor autoridade e demarcar território, como se fossem proprietários da escola e todos lhe devessem obediência.

Em relação às atitudes tomadas pelos profissionais diante da ação dos agressores e do sofrimento das vítimas, a maior preocupação está direcionada em afastar o agressor solucionando momentaneamente o problema. As vítimas continuam sua caminhada solitária de medo, sofrimento e baixa autoestima.

Após a coleta e tabulação dos dados, resolvemos em equipe que o público alvo da pesquisa seria as sétimas séries devido à grande incidência de agressores e vítimas e as quintas séries como propulsores de novos comportamentos, mais tolerantes e conscientes de uma prática social sem violência, seja ela física ou

moral. O trabalho de pesquisa envolveu cento e dois alunos das séries citadas abaixo.

Com a delimitação do público alvo, iniciamos o trabalho de orientação sobre o tema da pesquisa, e exposição dos filmes *Nunca fui beijada* para a quinta série e *Bang, bang! Você morreu* para as sétimas séries. O *bullying* retratado na ficção cinematográfica analisado nos filmes demonstra uma realidade que contamina os estudantes. A arte cinematográfica é utilizada na pesquisa participante com caráter qualitativo, estimulando o senso crítico da população estudantil e contribuindo para o processo de mudança social.

A pesquisa com os alunos das séries citadas acima partiu da conscientização do grupo sobre o tema, exibição do filme e questionário para detectar a incidência do *bullying*, o gênero, a forma de violência mais frequente e a ação da linguagem cinematográfica na vida desses indivíduos em formação.

Por meio do questionário investigativo apresentado aos 31 alunos da quinta série após exibição do filme *Nunca fui beijada* foi diagnosticado 12 condutas de *bullying* entre meninos e meninas. Os 40% de alunos estão, frequentemente, envolvidos com agressões contra a mesma pessoa ou mais dois indivíduos, 20% são meninos e 20% são meninas; todos alegam que agredem seus colegas porque são primeiramente agredidos pelos mesmos. Os relatos são de agressões verbais, apelidos pejorativos e xingamentos. Os casos podem ser classificados como vítimas agressoras; indivíduos que reproduzem os maus-tratos sofridos. Esse comportamento torna o *bullying* uma dinâmica expansiva, aumentando o número de vítimas. Questionados sobre o filme, 100% gostaram e entenderam a mensagem veiculada. Para a pergunta: Você gostou do filme? Por quê? Uma garota relatou a seguinte resposta: “Sim porque eu aprendi muitas coisas. Eu xingava meu amigo P. de gordo. Eu estou muito envergonhada disso, me desculpa P.”

Dos 35 alunos da sétima série A que assistiram ao filme *Bang, bang! Você morreu*, 51.43% assumem viver constantemente em estado de conflito, como agressões verbais que culminam em agressões físicas: 28.57% são meninas, 20% agressoras e 8.57% são vítimas; os 22,86% restante do grupo envolvido com o fenômeno, 14.3% são meninos agressores e 8.56% vítimas. A agressão verbal é relatada por 100% dos alunos como a violência mais utilizada entre os pares. Em relação à linguagem cinematográfica todos os alunos relataram que gostaram do que foi exposto no vídeo e demonstraram ter entendido o seu conteúdo, bem como a

necessidade de mudar os comportamentos, conforme podemos verificar pelas respostas coletadas a questão: Você gostou do filme? Por quê? -"Gostei. Porque ele relata tudo que ocorre dentro de uma escola que ninguém vê."- "Sim. Porque mostra a realidade". - "Sim. Porque ele fala de algumas realidades que acontece" - "Gostei. Porque ele ensina a não agredir os amigos e as pessoas" -"Sim. Porque ensina a gente ter modos". - "Sim. Porque ele serve para abrir os olhos da galera" —"Sim. Porque ele tem o mesmo problema que eu". Sim. Porque ensina a respeitar o próximo e mostra a realidade de uma pessoa intimidada".

A sétima série B, com 36 alunos, após assistir ao filme *Bang, bang! Você morreu* descreveu a seguinte realidade: 39% dos alunos estão envolvidos em ações agressivas. Em relação ao gênero, as meninas lideram com um percentual de 25% e os meninos com 14%. No grupo das meninas 14% são agressoras e 11% vítimas; dos meninos 8.75% são agressores e 5.25% vítimas. Os alunos são unânimes em relatar que a agressão verbal é a forma de violência mais utilizada e que gostaram do filme porque se identificaram com o que foi exibido na ficção. As respostas apresentadas pelos alunos á pergunta que queria saber se eles gostaram do filme e por que, podemos verificar a conscientização crítica dos mesmos: - "Sim, pois quem sabe esses meninos e meninas agressivos dessa escola não mudam". - Sim. Porque o filme fala a realidade do que se trata na vida real". - "Sim. Porque faz você refletir aquilo que faz". - "Sim. Porque ensina que nós não podemos agredir o próximo". - "Sim, ele mostra exatamente o que muita gente não tem coragem de falar".

A ficção reportou os alunos ao seu cotidiano, proporcionando-lhes uma aprendizagem sobre o fenômeno *bullying* e uma análise dos próprios comportamentos. A agressão verbal vista pelos alunos como inofensiva, após a exibição do filme foi considerada "mais dolorida do que um soco". Muitos alunos assumem ter agredido fisicamente o colega por raiva das frequentes agressões verbais já sofridas.

Agressores, vítimas e espectadores convivendo e sobrevivendo em uma rotina de medo e insegurança, envoltos com educadores, gestores e assistência técnica impossibilitados de agir pela falta de preparo e sutileza, pelo qual o fenômeno *bullying* se instala e se confunde com brincadeiras da idade. As diferenças são tênues, mas as consequências são desastrosas para todos os envolvidos.

A linguagem cinematográfica seguramente é propulsora de conscientização e novos conhecimentos da população educacional. Os filmes proporcionaram ao educador e aluno à aquisição de mais uma prática pedagógica capaz de fomentar a criticidade, conduzindo-os a uma ação-transformadora comprometida com a realidade social. O trabalho com as imagens dos filmes sobre o fenômeno *bullying* mediado por profissionais capacitados no processo educacional, valoriza e enriquece o aprendizado do aluno, tornando-o cidadão crítico capaz de respeitar as diversidades humanas promovendo uma sociedade igualitária, livre de preconceitos e violência.

A linguagem científica e cinematográfica corrobora com a necessidade de novas metodologias na compreensão do fenômeno *bullying* e ações de conscientização no meio estudantil e na sociedade como um todo.

A ação educativa seja na escola, na família, ou em qualquer ambiente social, além de ético pela natureza do ato, precisa ser afetuosa para acolher agressores, vítimas e espectadores. Caso isso não ocorra, haverá reprodução da intolerância. Afastar os agressores das vítimas, não resolve o problema da violência, que causa baixa autoestima e afeta o desempenho escolar. Precisamos desconstruir o preconceito e a discriminação para acabarmos com essa forma de violência. O conhecimento e as informações veiculadas por meio da mídia cinematográfica e de profissionais da educação, conscientes da ação maléfica do *bullying*, conduz o indivíduo ao aprendizado, desconstruindo valores pré-estabelecidos, tornando-os tolerantes e capazes de compreender que a diversidade humana é inerente a toda humanidade e tem que ser respeitada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A violência moral e psicológica denominada no Brasil como fenômeno *bullying*, analisada na literatura e na ficção ecoa entre os estudantes das escolas públicas ou privadas, independentemente do turno, da série, da localização, do tamanho e da condição social. Esse fato reforça o consenso de que não só a violência física é merecedora de grande atenção, mas que os danos causados por ações covardes e desumanas enraizadas em preconceitos, discriminação e produtoras de estigmas, que se alojam na memória dos seres humanos, podem ser traumáticas e geram graves problemas para o oprimido.

Os ambientes escolares internacionais e nacionais podem ser palcos de uma problemática e crescente epidemia do fenômeno *bullying*, pois é nesses espaços que crianças e adolescentes aprendem a conviver e aceitar que todos os seres humanos são diferentes. A falta de aceitação da diversidade humana, ou mesmo a reprodução de atos agressivos e intolerantes aprendidos no lar, no ambiente social ou até na escola, propicia as ações do *bullying*, prejudicando o funcionamento das instituições educacionais, impossibilitando a missão de ensinar crianças e jovens. A ocorrência epidêmica dessa forma de violência tornou-se um grave problema social. A escola, embora vista como meio de oportunidades para uma vida melhor, pode ser, também, local de exclusão social e produtora de estigmas.

A falta de conhecimento sobre o fenômeno e de suas consequências devastadoras no meio educacional, bem como o despreparo dos profissionais do setor para lidar com essa temática, banalizam o problema e ampliam sua proliferação.

As vítimas do *bullying* não possuem forças suficientes para reagirem sozinhas e se desvencilharem das agressões; os profissionais devem estar atentos e valorizarem os sentimentos e os apelos de socorro desses alunos. A intervenção dos profissionais da educação é de suma importância para que a vítima se sinta protegida e encorajada para sair da situação de agredida.

No filme *Nunca fui beijada*, na cena que focaliza o primeiro dia de aula de Josie, a professora de História coloca um chapéu mexicano em sua cabeça, ridicularizando-a, porque ela chegou atrasada. Atitudes como essa desvalorizam o

ser humano, propicia ações cruéis e intolerantes entre os alunos, descaracterizando a função do professor, que é a de acolher, proteger e conscientizar para uma cultura sem violência, preconceito e discriminação.

Transmitir valores sociais que abrangem a aquisição de conhecimentos, de hábitos e de habilidades para lidar com os padrões adotados pela sociedade não é uma tarefa tão fácil como parece. A intolerância, a falta de respeito, de solidariedade, de amor entre os indivíduos que explodem no ambiente escolar tornam cada dia mais difícil a tarefa do profissional da educação. Hoje, o grande desafio dos profissionais é atingir a diversidade humana, sem distinção.

Os frequentes conflitos gerados no universo escolar se alastram sorrateiramente entre a comunidade estudantil tomando formas violentas de agressão física e verbal impedindo o profissional de exercer sua função de educador e o garantido direito de todos os educando de uma educação digna estabelecida por lei.

Consciente da necessidade de uma ação antiviência que auxiliasse professores na árdua tarefa de educar e da ação benéfica da arte cinematográfica como prática social aceita pelas crianças e adolescentes, bem como sua contribuição para a formação crítica do ser humano, os filmes *Nunca fui beijada* e *Bang, bang! Você morreu* foram objetos propulsores de novas aprendizagens e mudanças de postura.

O círculo vicioso e epidêmico da violência nunca terá fim se todos os envolvidos não tomarem consciência do seu papel de propulsor e exterminador.

A verdade é que o *bullying* merece e exige muita atenção e presença constante de professores, coordenadores ou auxiliares de disciplina, pois, normalmente, as vítimas são aterrorizadas em áreas da escola com pouca ou nenhuma supervisão. Advém sempre de uma estratégia premeditada, e a ação praticada pelo agressor contribui para que a vítima não mereça crédito junto a outrem ou se torne desencorajada a falar da sua dor.

É necessário e urgente esclarecer todos os setores educacionais sobre o *bullying*: conceito, causas, ações, consequências, porque somente a conscientização poderá diminuir a violência social.

REFERÊNCIAS

ABERASTUEY, A.; KNOBEL, M. **Adolescência normal**: um enfoque psicanalítico. Tradução de Suzana Ballve. Porto Alegre: Artes Médicas, 1981.

ABRAMOVAY, M.; RUA, M. G. **Violências nas escolas**. 2. ed. Brasília: UNESCO, 2002. 400 p. V. 10.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE MULTIPROFISSIONAIS DE PROTEÇÃO À INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA - ABRAPIA. Disponível em: <<http://www.abrapia.org.br/homepage/portugues/portugues.htm>>. Acesso em: 5 maio 2007.

ADORNO, S. Violência, controlo social e cidadania. **Revista Critica de Ciências Sociais**, Coimbra: Universidade de Coimbra, v. 41, p. 101-127. 1994.

BANDURA, A. **Teoria da aprendizagem social**. 3. ed. Social Learning Theory (Título original, 1976), Madrid: Prentice – Hall. Inc., 1987.

BANDURA, A.; WALTERS, R. H. **Agressión en adolescentes**. s.l. ; s. n., 1959.

BANDURA, A.; WALTERS, R. H. **Social learning and personality development**. Nova Iorque: Holt, Rinehart & Wilson, 1963.

BANG bang você morreu. Direção de Guy Ferland. Produção de Paul Helleman e Deborah Gabler. Hollywood, USA,: Columbia Tristar Pictures, 2002. 1 DVD (93 min.), color. (Título original: Bang, Bang, You're Dead).

BRASIL. **Declaração Universal dos Direitos Humanos**. 1948. Disponível em: <<http://www.dhnet.org.br/direitos/deconu/textos/integra.htm>>. Acesso em: 2 fev. 2008

BRASIL. Constituição (1988). Preâmbulo. In: GOMES, L. F. (Org.). **Código Penal. Código de Processo Penal. Legislação Penal e Processual Penal. Constituição Federal**. 10. ed. rev. ampl. e atual. São Paulo: Revista dos Tribunais, 2008.

BRASIL. Código Penal. Decreto Lei 2848 de 7 de dezembro de 1940. In: GOMES, L. F. (Org.). **Código Penal. Código de Processo Penal. Legislação Penal e Processual Penal. Constituição Federal**. 10. ed. rev. ampl. e atual. São Paulo: Revista dos Tribunais, 2008.

BRASIL. Lei 7716 de 5 de janeiro de 1989. Define os crimes resultantes de preconceitos de raça ou de cor. In: GOMES, L. F. (Org.). **Código Penal. Código de Processo Penal. Legislação Penal e Processual Penal. Constituição Federal**. 10. ed. rev. ampl. e atual. São Paulo: Revista dos Tribunais, 2008.

BRASIL, Ministério da Saúde. ABEn. Conselho Federal de Psicologia. **Adolescência e psicologia**: concepções, práticas e reflexões. Brasília, D.F., 2002.

CALAZANS, F.M.A. **Propaganda subliminar multimidia**. 6. ed. São Paulo: Summus, 1988.

CENTRO MULTIDISCIPLINAR DE ESTUDOS E ORIENTAÇÃO SOBRE BULLYING ESCOLAR. Disponível em: <<http://www.bullying.pro.br/>>. Acesso em: 2 abr. 2007.

CHALITA, G. **Pedagogia da amizade – bullying**: o sofrimento das vítimas e dos agressores. São Paulo: Gente, 2008.

CHAUÍ, M. Uma ideologia perversa. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 14 mar 1999, Caderno “Mais”, p.3.

CHEFFER, L. Subjetividade e arte. In: SEMANA DA PSICOLOGIA DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ. 6. Maringá, 2004. **Anais...**, Maringá: UEM, 2004.

CURY, A. J. **Inteligência multifocal**: análise da construção dos pensamentos e da formação de pensadores. São Paulo: Cultrix, 2003.

DÁVILA, S. Durante massacre, Cho enviou vídeo a T.V. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 19 abr. 2007, Caderno Mundo p. A14.

_____. Não acrescentem culpa à dor, pede professor de Cho. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 20 abr. 2007, Caderno Mundo, p. A15.

DAY, N. **Violence in schools**: learning in fear. Berkeley Heights, NJ: Enslow Publishers, 1996.

DELAUWE, M – JC. et al. **Enfant en jeu**: les pratiques des enfants durant leur temps libre en fonction des types d’ environnement et des ideologies. París: Éditions del Centre National de la Recherche Scientifique, 1976.

DUARTE, J.; BARROS, A. (Org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005.

FANTE, C. A. Z. **Fenômeno bullying**: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz. 2. ed. Campinas, SP: Verus, 2005.

FERREIRA, A, B, H, 1910-1989. **Miniaurélio século XXI escolar**: o minidicionário da língua portuguesa. Coordenação de edição, Margarida dos Anjos, Marina Baird Ferreira; lexicografia, Margarida dos Anjos et al. 4 ed. rev. ampliada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

GUZMAN, E. **Os párias da mídia**. Disponível em: <http://www.canaldaimprensa.com.br> Acesso em: 5 nov. 2007.

LECH, M. B. Como lidar com os conflitos na escola. **Revista Direcional Educador**, São Paulo: Direcional Educador, ano 3, ed. 36, p.7, jan. 2008.

LEME, M. I. S. **Convivência, conflitos e educação nas escolas de São Paulo**. Disponível em: <http://www.edicoessm.com.br/ArquivosColegios/edicoessmAdmin/Arquivos/Galer%C3%ADa%20Documentos/CCEescolasSP.pdf> Acesso em: 25 ago. 2007.

LOPES NETO, A. ; SAAVEDRA, L.H. **Diga não para o bullying**: programa de redução do comportamento agressivo entre estudantes. Rio de Janeiro: Abrapia, 2003

MACHADO, J. L. A. **Cinema para ensino fundamental**. Disponível em: <http://www.planetaeducacao.com.br/novo/imagens/artigos/cinema/Cinema-para-o-Ensino-Fundamental-200508.pdf> . Acesso em: 25 ago. 2007.

MARÇOLLA, R. **Histórias de tradição oral: matéria prima do jornalismo**. Disponível em: < <http://www.bocc.ubi.pt/pag/marcolla-rosangela-historias-tradicao-oral.pdf>> . Acesso em: 5 nov. 2007.

MARTIN, M. **A linguagem cinematográfica**. Tradução de Paulo Neves; revisão técnica Sheila Schvartzman. São Paulo: Brasiliense, 2007.

METZ, C. **Psychoanalysis and the cinema**: the Imaginary Signifier, Londres: Macmillan, 1982.

NÃO DEIXE a vida te levar. **Revista Veja**, São Paulo: Abril. Ano 40, n. 26, ed. 2015, p.9, jul., 2007.

NUNCA fui beijada. Direção de Raja Gosnell. Produção de Sandy Isaac e Nancy Junoven. Holywood, USA: Fox 2000, 1999. 1 DVD (107 min.), color. (Título original: Never Been Kissed).

PACHECO, E. D. **O Pica-Pau**: Herói ou Vilão? Representação Social da criança e reprodução da ideologia dominante. São Paulo: Loyola, 1985. 256p.

PEREIRA, B. O. **Para uma escola sem violência estudo e prevenção das práticas agressivas entre crianças**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian ; Fundação para a Ciência e a Tecnologia, 2002.

PINHEIRO, F. M. **Violência intrafamiliar e envolvimento em “bullying” no ensino fundamental**. 2006. 148 f. Dissertação (Mestrado em Educação Especial) - Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2006.

PLATÃO. **A república**. São Paulo: Rideel, 2005.

SANTOS SILVA, A. M. dos – **“Linguagem Cinematográfica”**. In: Apostila da disciplina Fundamentos da Linguagem Cinematográfica do Programa de Pós-Graduação em Comunicação. UNIMAR. Marília, 2007.

- SCHAFER, M. **Abaixo os valentões**. Tradução de Suzi Yumi. 16 set. 2005.
Disponível em: www.redepsi.com.br/portal/modules/news/article.php?storyid=1823 .
Acesso em: 28 maio 2008
- SETTON, M. G. J. et. Al. (Org.). **A cultura da mídia na escola**: ensaios sobre cinema e educação. São Paulo: Annablume, 2004. 170p. V.1.
- THOMPSON, J. B. **A Mídia e a modernidade**: uma teoria social da mídia. Tradução de Wagner de Oliveira Brandão. Rio de Janeiro: Vozes, 1998.
- TURNER, G. **Cinema como prática social**. São Paulo: Summus, 1997.
- UNICEF: FUNDO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA INFÂNCIA. **A Infância brasileira nos anos 90**. 1998. Disponível em: <http://www.unicef.org.br/> . Acesso em: 02 mar. 2008.
- VANOYE, F. **Ensaio sobre a análise fílmica**. Francis Vanoye, Anne Goliot-Lété; Tradução de Mariana Appenzeller. Campinas, SP: Papirus, 1994.
- WASELFISZ, J. J. Os jovens do Brasil. In: **Mapa da Violência III**, Brasília: Unesco; Instituto Ayrton Senna, Ministério da Justiça, 2002.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

ABRAMOVAY, M. Escola, violência e fantasia. In: SEMINÁRIO SOBRE VIOLÊNCIA NAS ESCOLAS, 2003, Brasília. **Violência nas escolas**: reprimir, prevenir ou transformar?. Brasília : Câmara dos Deputados, 2003. p. 01-56. V 1.

ABRAMOVAY, M.; CASTRO. M. G. **Drogas nas escolas**, Brasília: UNESCO, 2005, 143 p. (Rede Pitágoras)

ANDREWS, T. **Bullying at School, net**. 2000. Disponível em: <http://www.ed.gov/databases/eric_digest/ed407154.htm> Acesso em: 13 Jan. 2008.

AQUINO, J. G. (Org.) **Diferenças e preconceitos na escola**: alternativas teóricas e práticas. 3. ed. São Paulo: Summus, 1998, 215 p.

_____. As transgressões da ordem escolar. **Revista Educação**: grandes temas: violência e indisciplina, São Paulo: Segmento, p. 56 – 67, 01 out. 2007.

ARNOUD, E.; DAMASCENA, A. Violência no Brasil: representação de um mosaico. **Caderno CERIS**, Rio de Janeiro, ano I, n.1, p.7-33, abr. 2001.

AUMONT, Jacques. **A Imagem**. Tradução de Estela dos Santos Abreu e Cláudio C. Santoro. 5. ed. Campinas, Papyrus, 1993.

_____. et al. **A estética do filme**. Tradução. Marina Appenzeller. Campinas: Papyrus, 1995.

BRASIL, Ministério da Saúde. ABEn. **Adolescer**: compreender, atuar e acolher. Brasília, D.F, 2001. (Projeto Acolher).

BRITO, J.B. **Literatura no cinema**. São Paulo:Unimarco,2006.

CAMOCARDI, E. M.; FLORY, S. F. V. **Estratégias de persuasão em textos jornalísticos, publicitários e literários**. São Paulo: Arte & Ciência, 2003.

CARVALHO, C.C.N. **A ideologia dos desenhos animados**. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/viicnlf/anais/caderno12-02.html> . Acesso em 22 abr. 2009.

CAVALCANTE, M. Como lidar com “brincadeiras” que machucam a alma. **Revista Nova Escola**, São Paulo: Abril, v. 14, n. 178, p. 58-61, 2004.

CEGALLA, D. P. **Nova minigramática da língua portuguesa**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2004.

CHEVALIER, J.; GHEERBRANT, A. **Dicionário de símbolos**. Tradução de Vera da Costa e Silva et al. 21. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2007.

CONSTANTINI, A. **Bullying, como combatê-lo?** : prevenir e enfrentar a violência entre jovens. São Paulo: Itália Nova Editora, 2004.

DANIEL, J. Posições/ controvérsias. Aprender a viver juntos: desafio prioritário no alvorecer do séc. XXI. In: BRASLAVSKY, C. (Org.). **Aprender a viver juntos:** educação para a integração na diversidade. Tradução de José Ferreira. Brasília:UNESCO; IBE; SESI; Unb, 2002. p. 19-27.

DÁVILA, S. “Faça o barulho das balas cessar”, rezou sobrevivente. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 22 abr. 2007. Caderno Mundo, p. A23.

DEBARBIEUX, É; BLAYA, C. **Violência nas escolas e políticas.** Brasília: UNESCO, 2002.

DWECK, D.; FAVARO, T. A mente de um assassino. **Revista Veja**, São Paulo: Abril, ano 40, n. 16, ed. 2005, p. 62-66, abr., 2007.

ECO, U. **Como se faz uma tese.** São Paulo: Perspectiva, 1996.

EISENSTEIN, S. M. **A forma do filme.** Tradução de Teresa Ottoni. Apresentação, notas e revisão técnica de José Carlos Avelar. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

_____. **O sentido do filme.** Tradução de Teresa Ottoni. Apresentação, notas e revisão técnica de José Carlos Avelar. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

FANTE, C. A. Z. Bullying escolar - Dados sobre estudos realizados em cinco escolas da Rede Pública e Privada de Ensino em duas cidades no interior do estado de São Paulo, 2001. **Jornal Diretor Udemo:** Violência nas escolas, São Paulo, ano 5, n. 2, mar., 2002.

FERRARI, M. Um psicólogo em defesa do aluno. **Revista Nova Escola**, São Paulo: Abril, v. 19, n. 172, p. 24 – 26, maio, 2004.

FLORY, S.; FADUL, V. (Org.). **Narrativas ficcionais:** da literatura às mídias audiovisuais. São Paulo: Arte & Ciência, 2005.

GOFFMAN, E. **Estigma.** Tradução de Márcia Bandeira de Mello Leite Nunes. 4. ed Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

GOMIDE, P. I. C. A influência de filmes violentos em comportamento agressivo de crianças e adolescentes. **Psicologia:** reflexão e crítica, v. 13, n. 1, p.127-141, 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010279722000000100014&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt> . Acesso em: 15 jan. 2008.

GROSSI, E. P. A violência que impede a aprendizagem. In: SEMINÁRIO SOBRE VIOLÊNCIA NAS ESCOLAS. **Violência nas escolas:** reprimir, prevenir ou transformar? Brasília: Câmara dos Deputados, Coordenação de Publicações, 2003. p.38-44.

- JORGE, F. **Nova biblioteca da língua portuguesa**: dicionário de sinônimos e antônimos. Vol. VII. São Paulo: Ed. Formar, [19-?].
- KOCH, I. V. **O texto e a construção dos sentidos**. 9. ed. São Paulo: Contexto, 2007.
- LENHARD, R. **Escola** : dúvidas e reflexões. Col. Heloisa Spinola. São Paulo: Moderna, 1998. 111 p.
- LOPES, A. De igual para igual. **Revista Páginas Abertas**, São Paulo: Paulus, ano 32, n. 30, p. 12-15, 2007.
- MIDDELTON-MOZ, J. ; ZAWADSKI , M. R. **Bullying**: estratégias de sobrevivência para crianças e adultos. Tradução Roberto Cataldo Costa. Porto Alegre: Artmed, 2007. 152 p.
- NOGUEIRA, R.M.C.D.P.A. A prática de violência entre pares: o bullying nas escolas. **Revista Iberoamericana de Educação**. [online] n . 37 , jan / abril 2005. Disponível em: < <http://www.rieoei.org/rie37a04.htm> > . Acesso em: 18 nov. 2007.
- OLWEUS, D. **Agression in the school**: bullies and whibbing boys. Washington: Hemisphere, 1978.
- _____. **Conductas de acoso o amenaza entre escolares**, Madrid: Morata, 1998.
- ORTE, C. S. El bullying versus el respeto a los derechos de los menores en la educación. La escuela como espacio de disocialización. **Revista Interuniversitaria de Pedagogia Social**, Universitat de Les Illes Balears, n. 14, 1996.
- PALMA, G. M. (Org.). **Literatura e cinema**: a demanda do Santo Graal & Matrix / Eurico, o presbítero & a máscara do Zorro. Bauru, São Paulo: EDUSC, 2004.
- PELLEGRINI, T. et al. **Literatura, cinema e televisão**. São Paulo: Ed. Senac; Instituto Itaú Cultural, 2003.
- PINSKY, J. (org); et. al. **12 faces do preconceito**. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2000. 123 p.
- SANTAELLA, L. **Comunicação e pesquisa**: projetos para mestrado e doutorado. São Paulo: Hacker Editores, 2001.
- SANT'ANNA, A. R. **Paródia paráfrase & CIA**. São Paulo: Ática, 2006
- SOUZA, I. S. Trabalhando com o preconceito e discriminação racial na escola: produção de material didático. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 01 fev. 1999, p. A-2 .
- SPOSITO, M. P. A sociabilidade juvenil e a rua: novos conflitos e a ação coletiva na cidade. Tempo Social. **Revista de Sociologia da USP**, São Paulo: USP, v.5, n. 1/2, p. 161-178 , 1994.

_____. A instituição escolar e a violência . **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 104, p . 58 – 75, 1998.

_____. Em foco: violência e escola. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 27, n.1, p . 85 - 103, jan/jun., 2001.

TEIXEIRA, S. A mente de um assassino. **Revista Veja**, São Paulo: Abril, ano 40, n. 16, ed. 2005, p. 62 – 66. 25 abr.2007.

XAVIER, I. **O discurso cinematográfico**: a opacidade e a transparência, 3. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

ZAKABI, S. Eu, meu melhor amigo: A autoestima é a melhor aliada do sucesso na vida pessoal e profissional. Não há idade-limite para conquistá-la. **Revista Veja**, São Paulo: Abril, ano 40, n. 26, ed. 2015, p. 76 – 83, jul., 2007.

APÊNDICES

APÊNDICE A - QUESTIONÁRIO APRESENTADO AOS PROFESSORES

PESQUISADORA: ANA PAULA TOPPAN DOS SANTOS

1- O TEMA ABORDADO ERA DO SEU CONHECIMENTO? _____

2 – ESCOLHA UMA SÉRIE EM QUE VOCÊ TRABALHA E RESPONDA:

2.1- QUANTOS ALUNOS TEM A CLASSE? _____

2.2- DE QUE ANO É A CLASSE? _____

2.3- HÁ ALUNOS QUE SOFRERAM OU SOFREM PRECONCEITOS? _____

2.3.1- QUANTOS? _____

2.3.2- QUAL A PORCENTAGEM? _____

2.4- HÁ ALUNOS QUE PROVOCAM O *BULLYING*? _____

2.4.1- QUANTOS? _____

2.4.2 – POR QUÊ? _____

2.4.3- QUAIS OS MOTIVOS?

2.4.4- QUAL É A PORCENTAGEM? _____

4- QUEM SÃO AS MAIORES VÍTIMAS, MENINAS OU MENINOS?
_____5- QUEM SÃO OS MAIORES AGRESSORES, MENINAS OU MENINOS?

_____6 – QUAL A SUA ATITUDE DIANTE DE AÇÕES DO FENÔMENO *BULLYING*?

(PS: Use o verso da folha, se necessário para as suas respostas)

APÊNDICE B - QUESTIONÁRIO APRESENTADO AOS ALUNOS

PESQUISADORA: ANA PAULA TOPPAN DOS SANTOS

1-VOCÊ É MENINA OU MENINO? EM QUE SÉRIE VOCÊ ESTUDA?

2- QUAL É O NOME DO FILME?

3- DE QUE ASSUNTO ELE TRATA?

4- VOCÊ GOSTOU DO FILME? POR QUÊ?

5- QUANTOS AMIGOS VOCÊ TEM NA ESCOLA?

5- VOCÊ FOI AGREDIDO NA ESCOLA DURANTE O ANO DE 2008?

6- QUE TIPO DE AGRESSÃO VOCÊ SOFREU? QUANTAS VEZES?

7- VOCÊ JÁ AGREDIU ALGUÉM DURANTE ESSE ANO? QUE TIPO DE AGRESSÃO?

8- A MESMA PESSOA OU PESSOAS DIFERENTES?

9- QUANTAS VEZES VOCÊ AGRIDE AS PESSOAS, TODO DIA, OU ÀS VEZES?

10- PORQUE VOCÊ AGRIDE OS COLEGAS?

(PS: Use o verso da folha, se necessário para as suas respostas)